

**A IDENTIDADE DO PAULISTA
NA SUA DUPLA EXPRESSÃO
*SACERDOTE-DISCÍPULO***

Fichas de reflexão e de estudo

ÍNDICE

Introdução geral

Etapas de uma caminhada de reflexão

Objectivo: uma fidelidade dinâmica e integral

“Identidade” e “dupla expressão”

Metodologia: as “quatro fidelidades” pedidas aos Religiosos

Destinatários

Guia de leitura

1. Presentes junto do homem e do nosso tempo

Sermos fiéis à Humanidade de hoje, conscientes dos seus problemas e das suas esperanças; Estarmos atentos aos desafios do mundo moderno e aos novos sinais dos tempos: são necessidades imprescindíveis para a nossa identidade de Paulistas. Palavras como universalidade, inculturação, estudo e preparação, valorização do laicado e do trabalho devem cada dia fazer mais parte do nosso vocabulário e da nossa sensibilidade de apóstolos.

1.1. Sociedade moderna e pós-moderna

1.2. Problemas e expectativas dos homens de hoje, os novos desafios e os sinais dos tempos

1.3. Universalidade e inculturação no mundo da comunicação

1.4. Cultura e culturas; a importância do estudo e da preparação

1.5. As riquezas do laicado

1.6. O trabalho: valor apostólico, solidariedade e partilha.

2. Com a força transformadora de Cristo e do Evangelho

Para podermos ser verdadeiramente fiéis à Humanidade de hoje, devemos ir às raízes espirituais da nossa identidade: somos consagrados e enviados por Jesus Cristo. É Ele o Mestre, Caminho, Verdade e Vida, o centro da nossa vida, através da sua Palavra e da Eucaristia. Maria, José, Paulo são para nós modelos no caminho da configuração a Ele. Alguns sinais típicos do encontro transformante com Cristo: o sentido de humildade e a necessidade de conversão, o espírito de reparação, a sensibilidade litúrgica. Uma síntese vital: o espírito do “Segredo de êxito”.

2.1. Discípulos e apóstolos de Jesus Cristo, seguindo os passos de S. Paulo.

2.2. O centro da vida paulista: Jesus Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida

2.3. A relação vital com Deus no “Segredo de êxito”

2.4. Maria, José, Paulo: modelos de vida para o Paulista

2.5. A Palavra de Deus: assimilada, vivida e anunciada

2.6. A Eucaristia: centro dinâmica da vida

2.7. A Visita Eucarística, dom e distintivo da Família Paulista

2.8. A Liturgia: “Livro do Espírito Santo”

2.9. Humildade e conversão contínua

2.10. Espírito de reparação

3. Em comunhão com toda a Igreja

A nossa fidelidade ao homem do nosso tempo, a Cristo e ao Evangelho, exprime-se no espírito de comunhão com toda a Igreja. Essa comunhão foi redescoberta pelo

Vaticano II como elemento fundamental de sermos cristãos, povo de Deus. O nosso próprio carisma é um dom do Espírito ao serviço da Igreja, ao passo que o voto de fidelidade ao Papa exprime a nossa forte ligação ao Magistério. Sermos fiéis à Igreja significa também tomar em séria consideração os aspectos jurídicos que dizem respeito à nossa Congregação, sem perder a nossa função profética, e mantermo-nos abertos e activos na redescoberta do valor da Mulher e do Laicado em geral, e presentes nas novas fronteiras do ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

- 3.1. A Igreja depois do Vaticano II
- 3.2. O “carisma paulista” na vida da Igreja
- 3.3. Dizer e dar “alguma coisa” à Igreja
- 3.4. O voto de fidelidade ao Papa e o relacionamento com o Magistério
- 3.5. Sacerdote e Discípulo: alguns aspectos jurídicos
- 3.6. A presença feminina
- 3.7. A “laicidade” na Congregação
- 3.8. O “sacerdócio ministerial” na Congregação
- 3.9. Ecumenismo e diálogo inter-religioso: fronteiras abertas

4. Numa fidelidade dinâmica à nossa consagração, segundo o carisma paulista

Uma fidelidade criativa ao carisma que Deus nos confiou através do nosso Fundador. Eis o que a Humanidade, Deus e a Igreja pedem hoje a cada um de nós. Para redescobrirmos a nossa identidade de consagrados, os valores em que assenta a nossa vida; para compreendermos plenamente a grandeza, a urgência, a força profética da nossa missão. Para atentarmos no grande dom de sermos Paulistas na complementaridade, no dom recíproco do Sacerdócio e do Discipulado; para valorizarmos mais ainda o facto de sermos Família Paulista.

Consagrados

- 4.1. Todos os homens são chamados
- 4.2. Teologia da consagração
- 4.3. Finalidades primárias: santidade e evangelização
- 4.4. Carácter profético dos votos religiosos
- 4.5. Vida fraterna em comunidade

Enviados

- 4.6. Homens de comunhão
- 4.7. Abertos ao mundo da comunicação
- 4.8. Conteúdos e destinatários da missão
- 4.9. O nosso apostolado é pregação. Atenção às “linguagens”
- 4.10. O Paulista “escritor”
- 4.11. “Profetismo” paulista
- 4.12. A “fantasia da “caridade”

Como Paulistas Discípulos e Sacerdotes

- 4.13. Identidade e missão únicas: uma dupla expressão na ministerialidade
- 4.14. Compreensão da complementaridade
- 4.15-A. Os três momentos do Apostolado e o “espaço típico”
- 4.15-B. Redefinir e ampliar os “espaços-típicos”

Como Família Paulista

- 4.16. A pertença à Família Paulista

4.17. A Sociedade de São Paulo de “altrice”

4.18. O contributo dos Discípulos na função de “altrice”

Os Paulistas de hoje e de amanhã: promoção e formação

4.19. Os sinais positivos da vocação paulista: clareza da vocação

4.20. A integralidade e a especificidade: características substanciais no processo formativo

ABREVIATURAS

AA	– <i>Apostolicam Actuositatem</i>
AD	– <i>Abundantes divitiae gratiae suae</i>
AE	– <i>Apostolato dell'edizione</i>
CISP	– <i>Carissimi in San Paolo</i>
CJC	– <i>Codex Juris Canonici</i>
DC	– <i>Documenti Capitolari 1969-1971</i>
DF	– <i>Donec Formetur Christus in vobis</i>
EN	– <i>Evangelii Nuntiandi</i>
GMIO	– <i>Gesù il Maestro, ieri, oggi e sempre</i>
GS	– <i>Gaudium et Spes</i>
IL	– <i>Instrumentum laboris, Sinodo dei Vescovi</i>
IM	– <i>Inter Mirifica</i>
LG	– <i>Lumen Gentium</i>
MCS	– <i>Meditazioni per consacrati secolari</i>
NMI	– <i>Novo millennio ineunte</i>
PC	– <i>Perfectae Caritatis</i>
PO	– <i>Presbiterorum Ordinis</i>
Pr	– <i>Prediche del Primo Maestro</i>
Pr VO	– <i>Prediche del Primo Maestro sul Voto di Obbedienza</i>
RM	– <i>Redemptoris Missio</i>
SC	– <i>Sacrosantum Concilium</i>
SdC	– <i>Spiegazione delle Costituzioni</i>
SP	– <i>San Paolo</i>
UPS	– <i>Ut perfectus sit homo Dei</i>
TMA	– <i>Tertio millennio adveniente</i>
VC	– <i>Vita Consecrata</i>
VFC	– <i>Vita fraterna in comunità</i>

INTRODUÇÃO GERAL

Etapas de uma caminhada de reflexão

Uma das recomendações do VII Capítulo Geral da Sociedade de São Paulo (1998) reza assim: «Pede-se vivamente ao Governo Geral que realize um Seminário sobre a vocação Paulista na sua dupla expressão *Sacerdote-Discípulo*». Em 2001, a Assembleia intercapitular de Nova Delhi, «consciente da importância e da complexidade do tema», achou «difícil, no tempo que intercorre antes do próximo Capítulo Geral, a preparação e a realização do “Seminário”». Apesar disso, reafirmou a necessidade e a urgência desse aprofundamento, e solicitou ao Governo Geral que confiasse «a tarefa a um número suficiente de Membros (não menos de 5)» e providenciasse quanto à «participação dos Membros da Congregação nos modos e com os instrumentos que julgasse oportunos».

O Superior Geral, P. Pietro Campus, em 7 de Junho de 2001, enviou às Circunscrições e aos Membros da Congregação um convite para que contribuíssem, mediante reflexões, considerações e sugestões; e no mês de Janeiro de 2002 nomeou um grupo de Paulistas, os quais, aproveitando o contributo de todos, se dedicassem ao aprofundamento do tema. Os Membros chamados a fazer parte deste grupo de estudo foram: P. Andres Arboleda (Casa Geral), Ir. Luís Barrios (Província Argentina-Chile-Peru), P. Carlos Cibien (Itália, Membro da equipa itinerante para a formação), Ir. Luca de Marchi (Itália), P. José Luís Quintana (México), P. António Rizzolo (Itália), Ir. Blaise Thadathil (Índia). Ao grupo juntaram-se, para a coordenação do trabalho, dois Conselheiros Gerais: P. Juan Manuel Galaviz e Ir. Francesco Chessa).

O estudo desenrolou-se em duas sessões conjuntas, em Roma, na Casa Geral, e através de trabalho pessoal no tempo intermédio. Foram fundamentais as contribuições de numerosos Membros de todas as partes do mundo. A primeira sessão, de 28 de Fevereiro a 6 de Março de 2002, serviu para a leitura dessas contribuições e para aprofundar as opções metodológicas. Na segunda sessão, de 16 a 27 de Junho, foi recolhido todo o material elaborado nos meses precedentes até se chegar à redacção deste instrumento.

Objectivo: uma fidelidade dinâmica e integral

O pedido da parte do Governo Geral ao Grupo de estudo era que se oferecesse à Congregação um formulação renovada do tema, através de um estudo sério e bem fundamentado. As conclusões deviam ser expressas em termos acessíveis e estimulantes, de molde a extrair facilmente as conclusões práticas, quer no campo vocacional-formativo, quer para o cumprimento da missão hoje, quer para o estilo de vida e o testemunho das nossas comunidades consagradas. A finalidade era pois a de favorecer uma fidelidade dinâmica e integral de todos os Paulistas. Não tanto para que viessem a conhecer sabe-se lá quais problemas, mas para corresponder hoje às «quatro fidelidades» que são pedidas aos Religiosos:

- *«Fidelidade ao homem e ao nosso tempo;*
- *fidelidade a Cristo e ao Evangelho;*
- *fidelidade à Igreja e à sua missão;*
- *fidelidade à Vida Religiosa e ao carisma do Instituto*
(cf. *Religiosi e Promozione humana*, CRIS, 1980).

Os temas de reflexão que apresentamos procuram dar resposta a essas tarefas indicadas pelo Governo Geral. De facto, nos tempos de hoje, as exortações do Papa aos

Religiosos, as situações do mundo em evolução cada vez mais rápida, os homens e as mulheres nossos contemporâneos, exigem de nós, Paulistas, audácia profética, autenticidade de testemunho, criatividade na linguagem e nos projectos. Interrogar-nos sobre a nossa identidade, longe de ser um dobrar-se narcisista sobre nós mesmos e sobre os nossos problemas, é uma tomada de consciência do dom que o Espírito nos comunicou através do Fundador, para que possamos testemunhar aos homens do século XXI a Jesus Mestre e Pastor, Caminho, Verdade e Vida. Este estudo pretende, por isso, reavivar em cada Paulista a consciência de ter alguma coisa que dizer e que oferecer à Igreja e ao mundo; possuímos, de facto, um tesouro de graça e de riqueza carismática que nos foi concedido para benefício de todos, e a cultura hodierna da comunicação oferece espaço para novas formas de criatividade no anúncio do Evangelho.

O estudo realizado não tem um carácter exaustivo, antes nasceu com a intenção de “movimentar as águas”, para solicitar um novo impulso criativo e robustecer a esperança e a confiança em Deus. Também por isso se trata de um simples **“instrumento de trabalho”**. Tem a característica, com efeito, de ser **aberto, não definitivo**. Será necessário, por conseguinte, continuar a reflexão e a discussão a nível de Circunscrição, a nível comunitário e pessoal, para se compreender cada vez mais em profundidade quem somos e que missão temos na Igreja e na Sociedade hodierna. Ao redor de nós existe um mundo em fermentação, à procura de novos significados, em contínua evolução: não podemos esconder-nos, somos chamados a dar uma resposta aos novos desafios que nos esperam.

“Identidade” e “dupla expressão”

“Identidade” e “dupla expressão” são dois conceitos basilares na presente reflexão e merecem uma atenção particular. A opção do VII Capítulo Geral de não tratar separadamente a identidade do Paulista Sacerdote e da identidade do Paulista Discípulo comporta uma autêntica mudança de perspectiva e é um convite a assumir uma nova mentalidade. **Mediante a Profissão Religiosa, de facto, tanto o Discípulo como o Sacerdote compartilham em pleno a condição de Paulistas**. Na base desta “paulinidade” cumpre-se o dom recíproco das graças particulares tanto duma como da outra expressão do Paulista. Esta união e reciprocidade tem por finalidade a missão específica, mas não um valor só funcional e sim carismático, de reciprocidade de dons. Assim deve entender-se a mútua constituição de “Paulistas” a que se referem as *Constituições* (art. 5). Esta mudança de perspectiva permite compreender melhor as peculiaridades, as características específicas do Discípulo e do Sacerdote, como dom e serviço recíproco, como riqueza especial de graça a pôr em comum,

O ponto de partida é, por isso, a identidade. Já que se podem dar muitos significados a esta palavra, é oportuno dar alguns esclarecimentos. Sem entrar em discussões filosóficas, aceitamos o ponto de vista que baseia o conceito de identidade sobre dois elementos: a unidade do *ser* (indivisão intrínseca) e a experiência de uma *diversidade* (distinção de qualquer outro ser). A substância que confere ao ser a sua unicidade é, ao mesmo tempo, aquilo que o distingue. Na linguagem comum, atribui-se uma mesma identidade a todos os entes que possuem a mesma substância, independentemente da multiplicidade das suas manifestações: assim, a qualquer homem e mulher se reconhece a identidade de pessoa. Num sentido ainda mais amplo, reconhece-se aos componentes de um determinado grupo a mesma identidade, porque possuem atributos comuns ou fizeram as mesmas opções vitais; por exemplo, a todos os médicos reconhecemos a identidade de médico. Quando, porém, se fala da identidade de um Instituto Religioso e dos seus Membros não bastam a lógica ou a linguagem comum: são indispensáveis uma perspectiva de fé e uma sólida teologia da Vida Consagrada.

A nossa identidade, de facto, compreende-se só a partir de uma vocação particular que nos vem de Deus. Correspondendo a tal chamamento, nós somos por Ele consagrados e enriquecidos de graças que nos ajudam a alcançar a santidade a que somos destinados e a cumprir o apostolado específico, com o qual colaboramos na missão de Jesus Cristo. A eclesiologia de comunhão leva-nos, além disso, a ultrapassar as tradicionais distinções, para considerarmos o dinamismo dos carismas em vista do bem comum.

Deve ficar então claro, para qualquer Membro da Sociedade de São Paulo, que a sua identidade é a de um Religioso chamado à santificação e a evangelizar o mundo actual com o testemunho de vida e com o apostolado da comunicação social. Ao dom comum da consagração religiosa, e aos dons particulares (sacerdócio ministerial, laicidade, carismas pessoais...), somos obrigados a corresponder em plenitude e para os fins comuns da santificação e da missão específica. Porque «*O estado de vida consagrada, por sua natureza, não é nem clerical nem laical*» (CDC, can. 588, par. 1), devemos admitir, como conclusão, que **a consagração é a verdadeira fonte da nossa identidade de Paulistas**, ao passo a condição de Sacerdotes ou de Discípulos é um dom conferido pelo Espírito como uma florescência particular da própria paulinidade: compete-nos a nós fazê-lo frutificar para o bem comum. Em benefício da Congregação, da Família Paulista, da Igreja e do mundo.

Metodologia: as “quatro fidelidades” pedidas aos Religiosos

No documento *Religiosos e promoção humana*, de 1980, a Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares indicava aos Religiosos quatro importantes “fidelidades” que devem motivá-los e guiá-los na promoção humana integral, conforme os princípios conciliares de renovação e tendo em conta as situações do mundo actual. Estas mesmas fidelidades: 1) ao homem e ao nosso tempo, 2) a Cristo e ao Evangelho, 3) à Igreja e à sua missão no mundo, 4) à Vida Religiosa e ao carisma do próprio Instituto, podem ser ponto de referência para o empenho de renovação de todos os Religiosos em todos os âmbitos e dimensões da própria vida. Neste nosso estudo quisemos utilizar este mesmo esquema, porque se revelou particularmente iluminante e fecundo. À luz destas quatro instâncias, a nossa reflexão sobre a identidade paulista na sua dupla expressão, Sacerdote-Discípulo, deve por isso reconduzir-nos às fontes do nosso ser, às motivações da nossa actuação, para vivermos com fidelidade criativa o dom que Deus nos transmitiu através do P. Alberione, ao serviço da Igreja e do mundo.

Destinatários

Os destinatários deste estudo são todos os Membros da Sociedade de São Paulo e aqueles que se preparam para sê-lo. É necessário, por isso, que os Superiores e Formadores sejam os primeiros a acolher estas páginas e a motivar e guiar as Comunidades, os grupos e cada Membro em particular para tirar dele proveito. Os benefícios que cada um poderá obter ajudarão muito a Congregação no cumprimento da missão que, juntamente com a Família Paulista, deve cumprir «*pelo Senhor e pelos homens do novo século*» (cfr. AD 15).

A distribuição do material em fichas muito breves e seguindo um esquema preciso poderá favorecer o aprofundamento pessoal, o diálogo em grupo e a assimilação que a todos desejamos.

Guia de leitura

Será importante, todavia, que cada um possua a totalidade das fichas, o instrumento completo, para que disponha de uma visão de conjunto e tenha a possibilidade de fazer uma leitura e reflexão pessoais. Para o estudo e debate em grupo sugerimos, pelo contrário, pegar numa só ficha (ou duas, no máximo, sobretudo se são afins), de modo a que os participantes possam exprimir as suas opiniões, fazer ulteriores aprofundamentos, especificar aplicações, sugerir correções e novos contributos.

É dever dos Superiores locais e dos Formadores orientar este trabalho de reflexão comunitária, em base a uma orientação substancial que os Superiores de Circunscrição e os respectivos Coordenadores da Pastoral Vocacional e Formação deverão entregar às comunidades (quais as fichas a estudar comunitariamente, como recolher os aprofundamentos e as aplicações ou correções mais significativos que delas resultarem, a duração e frequência das reuniões de estudo etc.).

Nunca como neste tempo se tornou importante a circulação das ideias, o intercâmbio cultural. Esta reflexão partilhada nunca deve faltar nas nossas comunidades paulistas, muito menos quando se trata da nossa identidade. Também por isso não julgamos este nosso estudo um ponto de chegada, mas antes um ponto de partida para um debate frutuoso. Um verdadeiro e próprio instrumento de trabalho. Ninguém está excluído ou deve sentir-se excluído: jovens e anciãos, Paulistas de toda a parte do mundo.

Quer para a reflexão pessoal quer para o estudo feito comunitariamente, será importante ter em conta, para além das fichas, os OUTROS TEMAS e os APÊNDICES que integram este instrumento.

1. PRESENTES JUNTO DO HOMEM E DO NOSSO TEMPO

Sermos fiéis à Humanidade de hoje, conscientes dos seus problemas e das suas esperanças. Estarmos atentos aos desafios do mundo moderno e aos novos sinais dos tempos.

São necessidades imprescindíveis para a nossa identidade de Paulistas.

Palavras como universalidade, inculturação, estudo e preparação, valorização do laicado e do trabalho devem cada dia fazer mais parte do nosso vocabulário e da nossa sensibilidade de apóstolos.

1.1 Sociedade moderna e pós-moderna

Estamos completamente mergulhados no tempo em que vivemos. Não podemos esquecer que somos filhos e também co-responsáveis do nosso tempo: como todos, fomos formados com as características da civilização que anima os nossos Países. Graças a Deus, temos também a possibilidade de escolher de entre ela os sinais e os estímulos que julgamos úteis para melhorar a qualidade da nossa vida e corresponder às nossas opções fundamentais. Por ocasião da sua primeira viagem ao Oriente, em 1949, o P. Alberione escreveu: *“O mundo desenvolve-se rapidamente: os centros habitados, a cultura, o comércio deslocam-se. Acontecem revoluções pacíficas e rápidas através da imprensa, da rádio, do cinema, da televisão, da aviação, dos movimentos políticos, sociais, industriais, industriais, da energia atômica... É necessário que a religião esteja sempre presente; de tudo se sirva para um melhor teor de vida na terra e de glória no céu. Quem pára ou abranda é ultrapassado; trabalhará num campo onde o inimigo já recolheu”* (CISP, p. 1010).

São várias as épocas que se sucederam no decurso da História. E todas foram marcadas pela qualidade do pensamento dominante nos vários períodos. Por outras palavras, podemos dizer que cada época exprime uma cultura ou civilização, mais ou menos alargada a toda a Humanidade.

Vivemos os primeiros decénios da nossa Família Paulista naquela que foi definida a última fase da **época moderna**. Uma época caracterizada pela cultura ocidental, entendida também como cultura “contemporânea” e “dominante”. Uma cultura que se exprime na indústria, na comunicação de massa e que, em geral, entra na globalização envolvendo todas as áreas geográfica do globo. As características principais desta cultura são:

1. O conhecimento do mundo já não assenta na aceitação incondicional da religião e dos seus dogmas, mas no uso da razão orientada para a aquisição dos conhecimentos verificáveis fisicamente; conhecimentos que se estendem gradualmente a todo o ambiente que nos rodeia: economia, política, justiça e ciências humanas em geral.

2. O Estado é laico e democrático: o fundamento do Estado são os cidadãos, independentemente da religião que praticam.

3. A racionalidade tecnológica: o desenvolvimento dos conhecimentos físicos dá origem ao progresso tecnológico.

4. A secularização da cultura: inteiros sectores da realidade quotidiana – política, ética, economia, direito – separam-se progressivamente da esfera religiosa e tornam-se autónomos. Esta invasão progressiva da racionalização em todos os âmbitos da vida humana cria uma nova cultura, porque comporta uma visão diversa da realidade.

Resumindo, o homem moderno move-se na convicção de que pode gerir correctamente as condições elementares da vida humana com a ajuda das ciências, da tecnologia, da organização, e de que pode encontrar nelas as soluções para todos os problemas da vida. Uma visão vertical do homem, orientada para a eternidade, no mundo contemporâneo diminui até quase desaparecer. As últimas referências do homem passam a ser o consumismo, a realização pessoal, o bem-estar, tudo o que se pode experimentar neste mundo. No âmbito desta antropologia as grandes interrogações existenciais (o sentido da vida) recebem pouca ou nenhuma atenção, se não forem removidas completamente da consciência.

Sociedade pós-moderna. Nos anos Setenta impõe-se a crise da cultura racional. A fé nos sonhos do modernismo enfraquece dada vez mais. Duas Guerras Mundiais, holocaustos absurdos e muitas guerras regionais combatidas ou ainda em curso, a

degradação ecológica, a separação cada vez maior entre ricos e pobres em todas as latitudes, a humilhação de vários totalitarismos, a crise das nações jovens saídas do colonialismo e caídas nas ditaduras populistas: são todos acontecimentos que deixaram no homem contemporâneo uma insegurança, uma desorientação que exige respostas satisfatórias.

O desmoronamento das ideologias, o enraizamento do pluralismo em todos os aspectos da vida humana, a transmissão simultânea e universal das informações, o relativismo que não obriga a aceitar qualquer dogma, mas deixa a liberdade de aderir a eles na medida em que subjectivamente é julgada útil para si mesmos: estas e outras são as manifestações da cultura que é definida pós-moderna. Uma cultura contraditória, pela qual o homem contemporâneo pode ver, ao mesmo no tempo, no Papa o único guia moral para a Humanidade inteira, e não julgar necessário seguir o seu ensinamento nas opções quotidianas da vida privada e da solidariedade social. Uma cultura que pode impelir o homem a deixar-se envolver emotivamente pelas misérias da Humanidade, permanecendo porém incapaz de tomar decisões consequentes que possam mudar o endereço da sua vida. Como fruto trágico desta cultura pode considerar-se, talvez o mais dramático, o pouco respeito pela vida que se pode encontrar no mundo sob variadas formas, em todas as latitudes.

Ao lado destas e de outras expressões negativas da cultura dominante no mundo, oferecem-se hoje à sociedade possibilidades de progresso jamais alcançadas no passado. É este o campo em que devemos viver e trabalhar como apóstolos do nosso tempo.

1.2 Problemas e expectativas dos homens de hoje, os novos desafios e os sinais dos tempos

Não estamos alheios ao mundo de hoje no seu conjunto, aos problemas e às expectativas dos homens e mulheres do nosso tempo. Deve haver em nós, pelo contrário, uma sensibilidade particular a este respeito, inseridos como estamos, através do nosso apostolado, no mundo da comunicação social. A missão paulista não é apenas para um grupo ou sector de homens: “*pelo contrário, dirige-se, utilizando os meios técnicos, de algum modo a todos: a todas as classes, castas, idades, condições, nações, continentes; com uma razoável preferência, às massas...*” (UPS I, 372-373).

Consideremos, antes de mais, quais são os **destinatários** da comunicação. Trata-se do homem no seu ambiente geográfico e histórico, na sua vida quotidiana. Não ignoramos, por isso, o fenómeno da mobilidade humana, os numerosos focos de guerra, a dívida externa, a procura de melhores níveis de vida e não raramente de sobrevivência, que empurram muitos habitantes dos Países pobres para os Países ricos. É o fenómeno da emigração, que abrange um número crescente de pessoas. Nos Países do bem-estar assistimos, por outro lado, ao envelhecimento das sociedades de antiga raiz cristã e à perda de grande parte dos valores e das certezas do passado, que abrem as portas ao pragmatismo, ao indiferentismo, ao consumismo, ao individualismo e ao hedonismo (cfr. *Mensagem para o Dia Mundial de oração em favor da paz 2002*, n. 4). Lembra-nos ainda João Paulo II os desafios que derivam de um *desajustamento ecológico* que torna inóspitas e inimigas do homem várias áreas do planeta; dos *problemas da paz*, amiúde ameaçada com o espectro de guerras catastróficas; do *vilipêndio dos direitos humanos fundamentais* de muitas pessoas, especialmente das crianças. “São muitas as urgências, às quais o espírito cristão não pode ficar insensível. Um empenho especial deve ser colocado nalguns aspectos da radicalidade evangélica que amiúde são menos compreendidos, até tornarem impopular a intervenção da Igreja, mas que nem por isso podem estar menos presentes na agenda eclesial da caridade”. O Papa faz uma referência específica ao dever do compromisso pelo *respeito pela vida de cada ser humano*, desde a concepção até à morte, e ao dever de proclamar com firmeza que quantos utilizam as *novas potencialidades da ciência*, especialmente no terreno das biotecnologias, jamais podem esquecer as exigências fundamentais da ética. “Para a eficácia do testemunho cristão, especialmente nestes âmbitos delicados e controversos, é importante fazer um grande esforço para explicar adequadamente os motivos da posição da Igreja, sublinhando especialmente que não se trata de impor aos não crentes uma perspectiva de fé, mas de interpretar e defender os valores radicados na própria natureza do ser humano. A caridade tornar-se-á então um serviço para a cultura, a política, a economia, a família, para que em toda a parte sejam respeitados os princípios fundamentais dos quais depende o destino do ser humano e o futuro da civilização” (cfr. *NMI 51*),

Considerando os **meios** do nosso apostolado, não devemos esquecer como as novas tecnologias e a nova linguagem revolucionaram o mundo da comunicação. A multimedialidade e a telemática, a interactividade e a hipertextualidade requerem estruturas aptas.

Já não existe a unidireccionalidade da comunicação tradicional: sobre ela tinha-se estabelecido grande parte das nossas obras apostólicas.

Abrem-se para o apostolado novas fronteiras, que precisam, de nossa parte, de uma mudança de mentalidade, de atitude, de formação, de estruturas apostólicas adequadas ao ambiente social em que trabalhamos.

Considerando finalmente os **conteúdos**, “*pois se trata de tudo cristianizar*” (UPS I, 373), devemos ter presente que a procura de liberdade e de autonomia fizeram que o homem contemporâneo se esquecesse da dimensão transcendente da existência, levando-o a uma consciência limitada do homem e da sua história. Esta tendência é conhecida por secularismo. O neo-liberalismo no mundo do trabalho, e sobretudo no comércio, parece querer desarticular o próprio conceito de solidariedade ínsito na mensagem cristã, e tão promovido pelo magistério social da Igreja no último século. A escala objectiva dos valores, até agora desconhecida, parece ser substituída por uma escala que quererá privilegiar as sondagens públicas em vez dos próprios valores. Mas, juntamente com isto, e quase em contradição, a sociedade desenvolveu novos comportamentos religiosos e uma nova procura do sagrado, amiúde fora do cristianismo. É nesta direcção que se *situa o florescimento de novas seitas*, o movimento *new age*, nascido como alternativa ao deísmo das grandes religiões e ao ateísmo prático e ideológico. Aparece uma cultura *light*, instável e superficial, uma cultura do imediato na qual tudo se torna produto de consumo, objecto de troca: o próprio matrimónio, o trabalho, a vida pessoal.

Estes elementos brevemente acenados, e outros que não mencionámos, são um desafio e um compromisso para nós chamados a ser apóstolos, evangelizadores, no interior da cultura da comunicação. São “sinais dos tempos” que exigem uma interpretação e uma resposta à luz do Evangelho.

Um conhecimento apropriado do nosso Fundador levar-nos-á a reconhecer a importância que ele deu ao estudo da História e da Sociologia. O cumprimento da nossa missão específica requer uma forte sensibilidade e uma preparação sólida nestes dois campos.

1.3 Universalidade e inculturação no mundo da comunicação

“Sintamo-nos, como São Paulo e em São Paulo, devedores a todos os homens, ignorantes ou cultos, católicos, comunistas, pagãos, muçulmanos. A todos amamos. Para todos, o nosso apostolado” (In *Regina Apostolorum*, Abril de 1951).

O impulso universal para a evangelização caracterizou desde o começo o pensamento e a obra do P. Alberione: a universalidade é característica genuinamente “paulina”, baseada no exemplo e na obra de São Paulo, o qual, com coragem e tenacidade, se dirigiu aos confins do mundo conhecido, não se deixando condicionar pelas dificuldades e sofrimentos.

Globalização e localização

O mundo de hoje está a mudar, o próprio conceito de sociedade está em evolução. Vivemos e agimos ao de cima e para além das nossas fronteiras. Pertencemos a uma sociedade não fixa territorialmente, não exclusiva, mas aberta e inclusiva. Os meios de comunicação permitem contactos activos, simultâneos e recíprocos entre as pessoas, ultrapassando quaisquer fronteiras de País, religião e continente. A abertura do horizonte mundial, intensificada nestes últimos anos, tem vários nomes: planetização, mundialização, mundo em rede... Prevalece o de *globalização*, fenómeno que, partindo da economia, se alargou a nível social e cultural. Ao lado deste movimento, há em toda a parte a redescoberta das *culturas locais*. Se por um lado se procura uniformizar (globalizar), por outro redescobrem-se e defendem-se as características próprias do grupo a que se pertence.

Em que medida estes fenómenos se reflectem na nossa vida e no nosso serviço de evangelização?

“Catolicidade” = universalidade

A nota de “catolicidade” é, para a Igreja, um apelo cada vez mais urgente para promover a autêntica universalidade (unidade na diversidade). À homologação das identidades, ela deve contrapor o primado da pessoa sobre qualquer outra escolha política ou económica. O Espírito que a anima, impele-a a intensificar os seus processos de inculturação e de encarnação na realidade local e os seus laços de comunhão na realidade mundial. Na Igreja, assim considerada, e no contexto da sociedade mundial, a Vida Consagrada recupera um novo sentido e encontra também linhas de solução para os novos desafios a enfrentar.

Torna-se necessário favorecer no âmbito do nosso Instituto uma mentalidade capaz de “agir localmente”, mas de “pensar globalmente”, isto é, catolicamente, tentando corajosas aberturas que ultrapassem o gradeamento do jardim ao lado e mergulhem no grande e fascinante mundo da comunicação.
--

Inculturação e comunicação

Se o uso dos meios de comunicação é importante para a pregação, é ainda mais importante evangelizar a cultura da comunicação: *“O empenho nos meios de comunicação... não tem apenas a finalidade de multiplicar o anúncio... é preciso integrar a própria mensagem nesta “nova cultura” criada pela comunicação moderna”* (RM 37c). Devemos compreender claramente que hoje *“a comunicação não é o conjunto dos meios, mas é uma cultura; não é uma nova disciplina na formação sacerdotal e religiosa, mas uma nova inculturação da fé”*. A inculturação é, para o

cristão, um processo de evangelização através do qual a vida e a mensagem cristã são assimilados por uma cultura, de maneira a apoderem exprimir-se não só através dos elementos dessa cultura, mas venham a constituir-se como princípio de inspiração; ao mesmo tempo norma e força de inspiração que transforma, recria e relança essa cultura.

O Governo Geral assim se exprime no documento final do “Seminário sobre Jesus Mestre”: *“Para que os nossos contemporâneos possam crer livremente, a evangelização tem o dever de mergulhar nas várias culturas, escolhendo o percurso da inculturação... Inculturar a espiritualidade paulista no processo comunicacional exige torná-la parte viva e consciente da cultura da comunicação, que está em contínuo desenvolvimento, sempre lançada em frente”* (GMIOS 562-563).

Globalização e localização, catolicidade e inculturação são grandes desafios que nos interpelam. Não basta perguntar-nos: “que é podemos fazer para mudar a realidade deste mundo?”, ou: “que podemos fazer para mudar a Igreja?”. Devemos, antes, perguntar-nos em que é que nós podemos mudar, a nível de mentalidade e também a nível de estruturas, para que a nossa Congregação seja um lugar de vida e de evangelização para qualquer ambiente cultural.

1.4 Cultura e culturas: a importância do estudo e da preparação

A cultura, para a constituição inicial e o desenvolvimento contínuo da personalidade paulista, é antes de mais *uma atitude de vida* que valoriza ao máximo as próprias capacidades naturais e que se dota, com uma educação sistemática, com conhecimentos teóricos e competências operativas em vista da missão apostólica. Cultivada em perspectiva *missionária*, a cultura permite ao Paulista estar, antes de mais, em sintonia com os “homens de hoje”; da pátria de origem, do continente a que pertence e do mundo inteiro. Além disso, o Paulista coloca a sua fé e a sua preparação ao serviço da inculturação do Evangelho no mundo e na cultura da comunicação: anúncio explícito de Cristo e de tudo o que é humano numa visão cristã.

A formação intelectual deveria realizar-se segundo um *plano de estudos personalizado* que, terminado o plano de estudos obrigatórios em cada Nação, tenha em conta as aptidões pessoais, a expressão vocacional e as exigências globais da Congregação.

O plano personalizado de formação cultural adapta a cada Paulista algumas *componentes indispensáveis a todos*: uma cultura geral de ciências humanas e técnicas, a cultura religiosa e do carisma paulista, a cultura nas ciências da comunicação e a cultura de especialização em vista da tarefa apostólica, adquiridas com a abertura mental à interculturalidade, o conhecimento das línguas etc.

Escrevia o P. Alberione: “*O nosso apostolado requer ciência. Antes, a ciência comum, depois a ciência dos meios de comunicação: por isso devemos chegar à redacção não somente dos livros e dos periódicos, mas também dos outros campos do nosso apostolado: tal como a preparação dos filmes, dos programas para a rádio, a TV, o disco etc.*” (SP, Março de 1968). O Fundador sublinha que não é suficiente possuir uma cultura rica de *conteúdos*, é necessária uma cultura que inclua também a competência nos *meios expressivos* utilizados; as exigências dos destinatários, as linguagens e as leis dos meios de comunicação pesam na escolha e na formulação dos conteúdos.

O empenho na missão paulista, que faz sua a ânsia de São Paulo de “fazer-se tudo para todos” (cfr. *1Cor* 9,22), realiza-se hoje no contexto da comunicação intermedial e em rede, em cujo centro está *o destinatário*. A preparação cultural deve estar à altura das exigências da missão: uma “redacção” que brota da escuta dos destinatários e do conhecimento da cultura da comunicação.

O Paulista considera meta do seu apostolado fazer com que o Evangelho se torne a base de toda a cultura e de todos os sectores da cultura. O P. Alberione, muito eloquentemente, fala da universalidade do Paulista: “Todas as questões e factos julgados à luz do Evangelho... fazer sentir a presença da Igreja em cada problema: espírito de adaptação e compreensão por todas as necessidades públicas e privadas, todo o culto, o direito, a união da justiça e da caridade” (AD 65).

Juntamente com uma cultura ampla e sólida, nós Paulistas precisamos de *conhecer e compreender as várias culturas*, a começar pelas da Nação onde servimos: história, língua, religião, sistema de Governo, leis, instituição familiar, arte, tradições etc. Sem um conhecimento bem experimentado das culturas não se pode falar de inculturação e muito menos de interculturalidade.

1.5 A riqueza do laicado

O Vaticano II considera leigos todos os fiéis, exceptuando os membros da Ordem sagrada e do Estado Religioso (cfr. *LG* 30). Isto quer dizer que a Igreja, na sua grande maioria, é composta por leigos. É próprio da sua vocação “procurar o Reino de Deus, tratando das coisas temporais e ordenando-as segundo a vontade de Deus”. São chamados “a concorrer para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo a manifestar Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade” (cfr. *LG* 31).

Nas Actas do Seminário Internacional dos Editores Paulistas (1088), Bruno Forte recorda-nos que existe um laicado na Igreja, constituído por pessoas que têm as suas competências, a sua dignidade, a sua inteligência que devem ser respeitadas. Laicado na Igreja significa um estilo de Igreja e de evangelização que sabe reconhecer o que é específico das competências de cada um. Significa que ninguém sabe tudo de tudo, mas que todos precisamos da competência honesta, leal, séria dos outros, que a Igreja é por isso povo de Deus, porque não há ninguém que possa reunir em si todos os carismas, todos os ministérios. Por isso a evangelização deve ser feita conjuntamente neste sentido, contribuindo cada um com a originalidade do seu contributo. A nós, que trabalhamos na evangelização mediante os meios de comunicação, este princípio lembra-nos a exigência de respeitarmos as competências e a profissionalidade específica a todos os níveis.

A laicidade na Igreja é também o respeito pela condição de encarnação em que ela vive. Laicidade na Igreja significa que esta, anunciando o Evangelho, assume o modo de pensar, de viver, da Humanidade a quem o anuncia.

Olhando para a história da nossa Congregação e do seu apostolado específico, verifica-se que por vezes se deu maior atenção à estruturação autárquica efectuada pelo Fundador, em detrimento da sua capacidade de envolver no apostolado todos os fiéis e a sua clarividente e grande estima dos leigos. Hoje podemos reconhecer a visão fortemente “eclesial” do P. Alberione a respeito dos leigos e por aquilo que fez para que eles tivessem uma experiência de partilha na fé: “...pessoas que quisessem aperfeiçoar a sua vida cristã, conforme o espírito paulista, unindo a isso o apostolado realizado com a oração, as obras, as ofertas...” (*AD* 25). Mais ainda, ensinou-nos a maneira de nos relacionarmos com eles: “Na oração que de manhã apresentava juntamente com o cálice ao Senhor: a primeira ideia era aquela parte de Cooperadores...” (*AD* 25). Pede-nos para que nos interessemos igualmente pelos leigos que se dedicam às obras caritativas e sociais, ao ensino religioso e ao culto nas suas muitas facetas (*AD* 329).

A partir destas observações e da própria natureza do nosso carisma emerge a exigência de uma conversão a respeito do laicado na Igreja. Também a este respeito São Paulo é um mestre excelente. Não se pode descarregar sobre os leigos o peso e a fadiga da actividade apostólica, submetendo-os a uma relação puramente funcional. O P. Alberione tornava-os participantes de tudo: do espírito paulista, do carácter apostólico da Obra, dos méritos...

A eclesiologia de comunhão convida-nos a valorizar os leigos não só como baptizados mas também como peritos na cultura da comunicação. O P. Alberione pede-

nos para conquistarmos os intelectuais, os artistas, os políticos etc. Impele-nos a entrar em diálogo com o mundo de hoje.

E não podemos deixar de lado a responsabilidade que nos cabe na formação dos leigos, para que possam assumir em plenitude e equilíbrio a sua parte na missão comum de evangelização e promoção humana.

ALGUMAS PERGUNTAS QUE SE DEVEM FAZER EM CADA CIRCUNSCRIÇÃO

Em que medida e com que meios está a promover-se nos Paulistas uma correcta estima dos leigos e a capacidade de trabalhar juntamente com eles?

De que modo são acolhidos e promovidos na Circunscrição “o dom e a riqueza dos Cooperadores” (AD 121.123)?

O que é que se está a fazer para o conhecimento, promoção e formação dos Institutos de vida secular consagrada agregados à Sociedade de São Paulo como obra sua?

1.6 O trabalho: valor apostólico, solidariedade e partilha

O trabalho, enquanto actividade plenamente humana, faz-nos imitar Jesus Cristo e une-nos ao mundo dos trabalhadores e às suas problemáticas, às suas esperanças, aos seus direitos. No mundo do trabalho globalizado encontram-se contrapostas as áreas economicamente desenvolvidas e as dos Países em vias de desenvolvimento. A maioria dos Paulistas movimenta-se no meio destas realidades contrapostas. Esta situação leva-nos a compreender ainda mais profundamente o valor carismático do nosso trabalho para tirar dele futuras vantagens morais e espirituais. Impele-nos também a ser uma voz profética na sociedade para defender a importância e a dignidade do trabalho, mediante o qual cada um providencia ao seu sustento e dos seus familiares (cfr. *GS* 67).

O trabalho paulista está ligado directamente ao apostolado e tem um forte sentido trinitário. A nossa missão é, de facto, colaboração com a “obra editora” do Pai: “O Pai Celeste e eterno é o Editor do Filho”, escrevia o P. Alberione (*Manuscrito inédito de 1938*, Arquivo histórico SSP). O Paulista, com o seu trabalho, participa na redenção efectuada pelo Filho, “que veio para iluminar cada homem e para responder às suas interrogações mais profundas, colocando-se como chave, centro e fim de toda a história humana” (*DC* 10). Do Espírito Santo deriva a pastoralidade do apostolado paulista, como força inspiradora para “chegar às pessoas, salvar as pessoas e inventar novos meios” (*Pregação sobre o apostolado*, p.196). O nosso trabalho inspira-se no trabalho vivido por Paulo: “Irmãos, vós ainda vos lembrais dos nossos trabalhos e fadigas. Pregámo-vos o Evangelho trabalhando de noite e de dia, afim de não sermos de peso para ninguém... Aconselhamo-vos, irmãos, a progredirdes cada vez mais. Que seja para vós uma questão de honra viver em paz, ocupando-vos com as coisas que vos pertencem e trabalhando com as próprias mãos, conforme recomendámos. Assim levareis uma vida honrada aos olhos dos estranhos e não precisareis da ajuda de ninguém” (*ITs* 2,9;4,10-12).

“O Paulista, escrevia o P. Alberione, *exerce um apostolado directo, dando a verdade com o trabalho, cumprindo uma tarefa de pregação, tornado missão e aprovado pela Igreja (...)* Com o trabalho de apostolado aumentam as vocações, pagam-se as casas, obtém-se a aprovação de Deus e dos homens, adquire-se o Paraíso” (cfr. *UPS* I, 457-458). Todas as actividades apostólicas são “caracterizantes para os Membros da Sociedade de São Paulo; por isso é necessário adaptar convenientemente os costumes e os usos às exigências do apostolado” (cfr. *DC* 9).

Partindo destas premissas e olhando para o futuro, vemos como os tempos nos pedem que nos adaptemos às novas tecnologias e a assumir responsabilidades apostólicas cada vez mais exigentes. Perante tais exigências é fundamental formar profissionalmente os Paulistas para que sejam capazes de dirigir uma empresa tal como ela é entendida hoje. O Paulista, na actividade apostólica do futuro, deverá ser um *líder* capaz de agir com criatividade, à altura dos novos desenvolvimentos da organização apostólica e das constantes exigências dos tempos.

Podemos assinalar outros aspectos sobre os quais é preciso reflectir para agirmos segundo o nosso carisma. Em primeiro lugar, **o valor redentor de qualquer trabalho**, como foi libertadora toda a actividade terrena do Filho de Deus. Por conseguinte, é preciso formar uma **mentalidade de serviço**, promover todas as **potencialidades das pessoas**, não fazer depender o seu valor da tarefa que desempenham e da remuneração que recebem, evitar a ambição do lugar fixo. É também necessário ajudar a interiorizar

uma **disciplina do trabalho** e a cultivar **o aspecto criativo**. Não devemos esquecer que o trabalho eleva a nossa dignidade de pessoas, porque nos dá a possibilidade de desenvolver as nossas habilidades e os nossos talentos pelo Evangelho, e *conduz-nos à nossa realização integral como homens, cristãos e sequazes*. Seria preciso meditarmos frequentemente os números 124-130 de *AD*.

2. COM A FORÇA TRANSFORMADORA DE CRISTO E DO EVANGELHO

Para podermos ser verdadeiramente fiéis à Humanidade de hoje, devemos ir às raízes espirituais da nossa identidade: somos consagrados e enviados por Jesus Cristo.

É Ele, o Mestre Caminho, Verdade e Vida, o centro da nossa vida, através da sua Palavra e da Eucaristia.

Maria, José, Paulo são para nós modelos no caminho da configuração n'Ele.

Alguns sinais típicos do encontro transformante com Cristo: o sentido de humildade e a necessidade de conversão, o espírito de reparação, a sensibilidade litúrgica.

Uma síntese vital: o espírito do “Segredo de êxito”.

2.1 Discípulos e apóstolos de Jesus Cristo, seguindo os passos de São Paulo

Nascida por inspiração e impulso do Espírito Santo e com a aprovação da Igreja, cada Congregação religiosa tem a sua primeira e fundamental norma de vida na sequela de Cristo, claramente expressa no Evangelho. Os Religiosos, de facto, são chamados e consagrados para viverem e testemunharem a Jesus Cristo que:

- “casto e pobre, redimiou e santificou os homens (a inteira Criação) com a sua obediência até à morte na cruz” (PC 1).
- “curou os doentes e feridos, trouxe os pecadores à conversão, abençoou as criancinhas e fez o bem a todos, obediente em tudo à vontade do Pai” (LG 46).

Cada Congregação, tendo embora características e funções próprias, participa na única missão que Cristo confiou à sua Igreja quando disse:

- “Sereis minhas testemunhas até aos confins do mundo” (cfr Act 1,8).
- “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15).

Em 1954, fazendo como que um balanço da caminhada percorrida pela Família Paulista nos primeiros quarenta anos da sua história, o P. Alberione sublinhou o reconhecimento que devemos ao Apóstolo: *“De facto é ele o Pai, Mestre, exemplo protector. Ele gerou esta família com uma intervenção de tal modo física e espiritual que nem sequer agora, pensando bem, se pode entender bem; e muito menos explicar”* (CISP, p. 147).

São Paulo é o discípulo que conhece o Mestre Divino em toda a sua plenitude. Vive-O plenamente. Perscruta os profundos mistérios do seu coração, santidade, humanidade, divindade. Apresenta a Cristo total tal como Ele mesmo se definiu: o Caminho, a Verdade e a Vida (cfr. AD 159).

São Paulo é nosso modelo e guia como discípulo e como apóstolo. Graças à sua plena comunhão com Cristo e à imitação da vida do Mestre, Paulo santifica toda a sua actividade apostólica e comunica a Cristo através da pregação, o testemunho, a oração, o trabalho, o exemplo de vida: em suma, com a inteira realidade da sua pessoa. Antes de escrever as suas Cartas, ele foi comunicador do Evangelho de Cristo mediante um processo de comunicação humana (cfr Act 13,16-41; 17,22-31; 20,18-35).

Ser Paulista significa ser São Paulo vivo hoje, viver em Cristo e viver para o Evangelho: “Ai de mim se não pregar o Evangelho” (1Cor 9,16). Viver em Cristo significa sermos

- criaturas renovadas na mente e no espírito, filhos de Deus;
- estarmos prontos a acolher todas as coisas boas;
- estarmos abertos a uma visão dinâmica da História segundo os planos de Deus,
- não colocarmos limites ao nosso amor, para podermos ser “tudo para todos” (cfr. Constituições, 8)

Assim interpretava o Fundador os pedidos de São Paulo à Família Paulista: *“Ele diz aos Paulistas: Conhecei, amai, segui o Divino Mestre Jesus. ‘Sede meus imitadores como eu o sou de Cristo’. Este convite é geral, para todos os fiéis e devotos seus. Para nós é mais, porque somos filhos. Os filhos têm a vida do pai: devem viver, por isso, nele, dele, por ele, com ele, para vivermos Jesus Cristo. São apropriadas para nós as palavras dirigidas aos seus filhos de Tessalónica, aos quais lembrava que se fizera forma para eles: ‘Ut nosmetipsos formam daremus vobis’. Jesus Cristo é o*

verdadeiro original; Paulo foi feito e fez-se forma para nós; por isso somos forjados nele, para reproduzirmos Jesus Cristo. São Paulo-forma não o é por uma reprodução física de feições corporais, mas para comunicar ao máximo a sua personalidade: mentalidade, virtude, zelo, piedade... tudo. A Família Paulista, composta de muitos membros, seja Paulo-vivo num corpo social” (Do opúsculo “Amarás o Senhor com toda a tua mente”, 1954; cfr. CISP, p.1152).

2.2 O centro da vida paulista: Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida

“A devoção ao Mestre Divino não é uma devoção acessória: abrange toda a nossa vida espiritual, todos os nossos estudos, todo o nosso apostolado, toda a actividade externa: tudo” (Pr 6, [1958], 5.

O título “Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida” exprime a “totalidade” da pessoa de Cristo contra qualquer unilateralidade ou particularismo. A insistência sobre “Cristo integral” da parte do P. Alberione pretende evitar o devocionismo do tempo e as apresentações fragmentárias da fé (cfr. AD 159-160). O título “Mestre” não exprime somente a função de ensinar, mas compreende todas as funções de mediador único: luz, guia, modelo e doador de uma vida segundo Deus.

A tarefa do Paulista é acolher a Cristo, permanecer na sua escola (Eucaristia e Palavra), deixar-se transformar por Ele (cfr. Gl 2,20), anunciá-lo a todo o momento com o apostolado e o testemunho de vida.

A perspectiva a partir da qual o P. Alberione leu o texto de Jo 14,6 (“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”) teve uma forte incidência na sua visão antropológica, que atribui à pessoa humana três faculdades: mente, vontade, coração (inteligência, vontade, afectividade). Cristo torna-se então, modelo do homem integral, ponto de referência para a vida espiritual e fonte da missão apostólica. São Paulo chama “nova criatura” ao homem que está em Cristo (2Cor 5,17). Cada Paulista, portanto, deve tender para a conformação a Cristo na **Verdade** até à purificação e transformação da **mente**, assumindo “os pensamentos e os juízos de Jesus” (DF, 65). Deste modo Jesus torna-se **Caminho** pelo discernimento, para aprender e dirigir correctamente a própria **vontade**. Conformado assim à **Vida** verdadeira, o Paulista pode chegar à santificação do **coração...** “Assim tornar-nos-emos mestres peritos das almas, porque antes fomos humildes e diligentes discípulos de Cristo”.

Eis em síntese a nossa espiritualidade: “A *Família Paulista aspira viver integralmente o Evangelho de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, no espírito de São Paulo, sob o olhar da Regina Apostolorum. Nele não há muitas particularidades, nem devoções singulares, nem demasiadas formalidades; mas procura-se a vida em Cristo-Mestre e na Igreja*” (AD 93-94).

Quem é o Cristo integral Caminho, Verdade e Vida? Não é somente uma fórmula conceptual ou doutrinal, ou um chavão. No trinómio Caminho-Verdade-Vida, Cristo está representado na sua plenitude. Não devemos correr o risco, como aconteceu por vezes com a teologia, de nos limitarmos a uma leitura intelectual desta fórmula. Jesus é Verdade porque, sendo verdadeiro Homem, nos ensina a verdade profunda do ser humano e se propõe como ideal com o qual nós, cristãos, nos devemos uniformizar, e propô-lo no nosso apostolado. Jesus é o Caminho porque, com a sua pessoa e com a sua Palavra, é a resposta ao homem de hoje, às suas esperanças, às suas necessidades, às suas perguntas. Jesus é Vida porque é também para nós Cristo vivo. Teilhard descreve-O como uma presença que nos envolve totalmente, que faz parte do próprio ambiente em que vivemos: o Cristo Vida que daí surge é um organismo vivo e vivificante, não só para o homem e o seu espírito, mas também para todo o universo criado, numa plenitude de vida interior e exterior. Cristo Mestre Caminho, Verdade e Vida deve então tornar-se para nós aquela plenitude, não só intelectual mas também vital, que vivifica quer o universo, quer o sentido religioso adormecido (pensemos nas tendências *new age*: uma resposta destorcida a um sentimento religioso autêntico).

Daqui deriva, para nós Paulistas, um tríplice compromisso:

- descobrir e aprofundar a plenitude de Cristo Caminho, Verdade e Vida;
- vivê-la quotidianamente em cada âmbito da nossa existência,
- difundir de maneira simples e plena, de acordo com a sensibilidade do homem contemporâneo, esta riqueza que supera devocionismos e particularismos; seguindo assim o caminho indicado pelo P. Alberione ao propor à Igreja e ao fundo a figura de Jesus.

2.3 A relação vital com Deus no “Segredo de êxito”

Inseridos no fluxo vital da aliança bíblica, na medida da nossa fé sabemos que somos a descendência prometida por Deus ao seu servo P. Alberione. De facto, o Primeiro Mestre é nosso PAI na vocação, “porque mais velho, teve de tomar do Senhor e dar aos outros” (AD 2). Ele, como homem de fé, guia-nos nos caminhos de Deus, sempre imperscrutáveis, com a inquebrantável confiança de Abraão, de Maria SS.ma e de Paulo de Tarso.

O Fundador está consciente de toda a sua fraqueza e insuficiência e da dos Membros da sua Família. Apesar disso, tudo espera do Senhor baseando-se na palavra de Deus: “Procurai antes de mais o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo” (Mt 6,33).

O espírito do “Pacto”, vivido intensamente pelo P. Alberione e pelos primeiros Paulistas, levará às novas gerações e aos Paulistas de todos os tempos a garantia (“Segredo de êxito”) que brota das promessas de Deus quando correspondemos aos seus projectos com empenho total, apesar dos nossos limites e insuficiências.

Nascido da fé, o espírito do “Pacto” sustenta-nos na resposta ao chamamento do Mestre Divino, ritmada pelo sim quotidiano, que faz de nós crentes. As palavras do nosso Fundador transportam-nos para um clima espiritual particularmente intenso, típico da época da fundação: “É preciso ter fé, as obras de Deus começam-se não com dinheiro, mas com a oração e a confiança em Deus; tenha-se confiança em Deus e vá-se em frente; começar com dinheiro é “ingenuidade” (Extraído do Diário do Senhor Mestre P. Timóteo Giaccardo, p. 27).

O Segredo de êxito nasceu neste clima, quando a vocação paulista, suscitada por Deus na Igreja com uma forte carga profética, exigia uma fé inquebrantável. Neste mesmo clima somos chamados a viver hoje, acolhendo o desafio que se tornou ainda maior dada a evolução dos tempos e a existência de novos meios para o nosso apostolado.

A fé dos “inícios” deveria caracterizar-nos ainda hoje, não só pelo estudo mas também pela santidade, o apostolado e a pobreza, ou seja, os quatro aspectos fundamentais da vida paulista conhecidos na nossa tradição pelas quatro rodas do carro (AD 100). Além disso, o P. Alberione sublinha a importância de não abandonar o cuidado por nenhuma das rodas do carro paulista: “Deixar a oração para fazer mais obras é um expediente desastroso. O trabalho feito em prejuízo da oração não aproveita nem a nós nem aos outros; porque tira aquilo que se deve a Deus” (UPS II, p. 9), e ainda: “Maldito o estudo, o apostolado etc. devido ao qual se deixa a oração” (CISP, p. 98): uma opção deste tipo, mesmo em momentos de especial necessidade e urgência, denuncia uma confiança maior nas nossas necessidades do que no auxílio de Deus, precisamente o oposto do espírito do Pacto. Por outro lado, é contra o espírito do Pacto a falta de dedicação total no empenho apostólico que os Superiores nos confiaram.

A graça da vocação e do apostolado está depositada em nós: somos muito débeis, ignorantes, incapazes e insuficientes em tudo para que, segundo as palavras do Apóstolo Paulo, resida em nós o poder de Cristo; o seu poder, de facto, manifesta-se plenamente na fraqueza. O Pacto obtém-nos também de Deus a multiplicação da santidade e dos

frutos da missão, de modo a levarmos a todos, mulheres e homens do nosso tempo, a salvação de Cristo: santificarmo-nos para santificarmos. Para realizarmos santamente o nosso apostolado é necessário estarmos disponíveis, é necessário haver abertura total a Deus e estarmos atentos aos sinais dos tempos.

O Pacto pertence à identidade da nossa Família Paulista; tem o dinamismo próprio da correlação graça e correspondência, e como finalidade alcançar o grau de perfeição e glória celeste a que somos chamados e o exercício do nosso apostolado específico.

O “Pacto” deve ser rezado, renovado com muita frequência e advertência. É particularmente oportuno quando se devem enfrentar situações difíceis ou tomar decisões importantes, e naquelas pausas em que renovamos o nosso ritmo espiritual e apostólico, como são os Retiros mensais, os Exercícios espirituais, as Profissões Religiosas, a renovação dos Votos etc. Obviamente, não o devemos considerar uma oração entre muitas, nem o devemos recitar mecanicamente.

Aos Formadores e aos Animadores das Comunidades cabe a responsabilidade de catequizar, orientar, exortar os Paulistas, a todos os níveis, para que tenham em grande apreço esta preciosa herança, justamente definida pelo Fundador “Segredo de êxito».

2.4 Maria, José, Paulo: modelos de vida para os Paulistas

“No centro está Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida”. A espiritualidade paulista é cristocêntrica. O P. Alberione, precisamente por isso, sempre lhe associou as pessoas de Maria, de José e de Paulo, como modelos de “cristificação” dos Paulistas.

Maria é a criatura que a Trindade escolheu para a encarnação do Verbo. Já que a nossa espiritualidade é uma espiritualidade de encarnação (Gl 4,19), o papel de Maria é insubstituível. Jesus entregou-se a Maria. Deixou-se formar por Ela. “*Este é o caminho*, comenta o Fundador: *estimarmos, amarmos, entregarmo-nos a Maria Santíssima*” (DF p. 41).

Maria Imaculada tem um papel preciso e precioso na formação do discípulo e do apóstolo. Ela é Mãe, Mestra e Rainha dos Apóstolos: gera, forma e guia os apóstolos de todos os tempos. Sustenta todos os apostolados e através deles continua a dar Jesus ao mundo.

A nossa espiritualidade mariana está admiravelmente sintetizada na oração “Consagração de nós mesmo a Maria”. Como Jesus se entregou a Maria para toda a vida, assim os Paulistas se entregam a Maria. Ela guia-nos e mantém-nos na escola do Mestre, permite-nos sermos discípulos cada vez mais diligentes e aplicados apostolicamente. Maria, honrada também como Pastora, alcança-nos a graça de conhecer *Jesus-Verdade*, de imitar *Jesus-Caminho*, de amar *Jesus-Vida*: deste modo ilumina a nossa mente, fortifica a nossa vontade, santifica o nosso coração. O resultado, quanto à pessoa, será o mesmo que São Paulo obteve: “Cristo vive em mim” (Gl 2,29); o êxito apostólico será uma dedicação sem limites.

Ao lado de Maria, coloca-se a figura humilde e elevada de São **José**. José é a testemunha da encarnação, o homem que as três Pessoas Divinas escolheram para guardador da santa Família e como guia de Jesus criança e adolescente. Com Maria, José é nosso modelo nas disposições necessárias para que Jesus se encarne em nós: inocência (“conservada ou recuperada”, como precisa o P. Alberione), e humildade de coração.

São José é o primeiro modelo do Paulista Discípulo (CISP, cfr. pp. 32 e 347). É modelo de laicalidade, toda dedicada a viver e orientar as realidades terrenas em conformidade com os planos de Deus.

São José é também um exemplo das relações de respeito e amizade que se devem instaurar entre Superiores e jovens em formação: o Fundador desejava “*que nas Casas e em todo o Instituto haja, entre Superiores e educandos, uma intimidade, familiaridade e colaboração semelhantes às que existiam entre Jesus e São José*”. Esse “*acordo íntimo, cooperativo, sincero... é comunicação frequente entre Educador e Educando; é vida familiar; é fonte de muitas e muitas consolações; assegura uma percentagem mais alta de sucessos*” (SP, Abril de 1950).

Os Paulistas pedirão a São José sobretudo estas graças: “*A vida interior, a santificação pessoal no silêncio, na intimidade com Jesus e Maria, no cumprimento dos deveres de cada dia, no exercício das virtudes individuais e domésticas. Depois... o espírito de apostolado, a cooperação com Jesus Cristo e a Igreja na salvação do mundo*” (SP, Fevereiro de 1953).

São **Paulo** é o mais fiel discípulo de Jesus, “*o mais completo e fiel intérprete do Mestre Divino*” (DF, 63). Sobre ele o Espírito Santo derramou “*todos os melhores dons*”, em particular as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade. Ele é o exemplo mais fulgente dos prodígios que o Espírito Santo pode realizar, quando se lhe

corresponde. O motivo por que São Paulo fascinou tanto o P. Alberione é o vértice de vida mística à qual ele foi elevado pelo Espírito: precisamente esta configuração a Cristo transformou-o no maior Apóstolo de todos os tempos, no Apóstolo por excelência.

O P. Alberione quer que os Paulistas se modelem em São Paulo: de resto, o Apóstolo em pessoa, escrevendo aos Tessalonicenses, afirma ter deixado a si próprio “como exemplo (forma) a imitar” (2Ts 3,9). O Fundador chama cada Paulista a tender para a mesma meta de Paulo: “Cristo vive em mim”. Indica com clareza o caminho: “O espírito de São Paulo pode ir buscar-se à sua vida, às suas Cartas, ao seu apostolado” (AD 94). Cada Paulista, portanto, sentir-se-á obrigado interiormente a conhecer de perto as Cartas de São Paulo para aprender as suas linhas condutoras; confrontando-as com a vida do Apóstolo verificará que elas exprimem a experiência espiritual, admirável e sofrida juntamente, através da qual o Mestre o está plasmando; voltando a percorrer as etapas da actividade missionária do Apóstolo, compreenderá que ela é disso o fruto mais rico e fecundo. Por isso, na ideia do P. Alberione, cada Paulista (e toda a Família Paulista) é (deve ser) “São Paulo vivo hoje” (cfr. *Ficha 2.1*).

Juntamente com São Paulo, a Família Paulista honra São **Pedro** enquanto modelo de actividade pastoral e ponto de referência daquilo a o P. Alberione chamava “romanidade”, aludindo assim à unidade da Igreja e à devida obediência ao seu Magistério. “*São Paulo e São Pedro trabalharam em conjunto, embora tendo cada um uma missão particular a cumprir*” (CISP, p. 614). Uma das componentes do espírito paulista, centralizado na pessoa de Jesus Cristo, é um grande amor à Igreja e uma adesão filial ao sucessor de Pedro.

2.5 A Palavra de Deus: assimilada, vivida e anunciada

“O estudo principal seja... a ciência universal e necessária” (DF 51-52). “O Evangelho deve ser a primeira leitura, o primeiro conhecimento para todos: daqui que nenhuma leitura espiritual tem importância maior” (DF, 48-49). “A Palavra de Deus é alimento para a vida, para a oração e para o caminhar diário, é o princípio de unificação da comunidade na unidade de pensamento, a inspiração para a renovação constante e para a criatividade apostólica” (Partir de Cristo, 24).

“A Palavra de Deus não está algemada” (2Tm 2,9)

A Bíblia é *Palavra de Deus*. Nela está presente e operante o Verbo divino: Verbo revelador e revelado: anunciado, esperado, encarnado, dado à Humanidade como Mestre e Salvador. Verbo de Deus que permanecerá no meio de nós até ao fim dos tempos e que devemos anunciar à sociedade contemporânea. A espiritualidade paulista, centrada no Mestre divino, é necessariamente bíblica. Para entrarmos em contacto com a Bíblia, o Fundador sugere-nos um espírito de humildade, de fé, de oração e de conversão contínua; não nos acomodando com a compreensão dos textos sagrados, mas fazendo deles o conteúdo essencial e a experiência profunda da nossa vida espiritual e dos nossos projectos apostólicos.

O P. Alberione indicou uma clara prioridade nos conteúdos do apostolado com os meios de comunicação social: em primeiro lugar vem a Sagrada Escritura, depois a doutrina da Igreja, seguida da moral, da liturgia, e de tudo o que contribui para o desenvolvimento da Humanidade (cfr. *AE*, 18).

A difusão do Evangelho em particular, e da Bíblia em geral, é o dever principal no apostolado da comunicação social.

São incalculáveis os exemplares da Sagrada Escritura que a Família Paulista distribuiu até hoje, sob diversas formas de edição, dando particular atenção aos destinatários. É característica a insistência do Fundador na difusão da Palavra, mas também quanto à solicitude pastoral que a distribuição da Bíblia comporta: não apenas “imprimir” ou distribuir a Palavra mas também explicá-la, apresentá-la com uma linguagem viva e vivencial. Saber “traduzir” a Palavra de Deus nas várias situações sociais e culturais, apresentá-la num modo dignitoso e compreensível, “esmiuçá-la” com uma linguagem que não a empobreça mas a torne vital, torná-la acessível nas formas e capaz de interpelar nos vários momentos históricos e políticos, torná-la objecto de culto e veneração: estes os desafios e o compromisso a que a Sociedade de São Paulo deve corresponder sem nunca cansar-se. A Palavra de Deus, viva e eterna, precisa de uma “tradução” contínua na História, para ser sempre a Boa Nova que conforta, encoraja e salva. Devemos fazer como São Paulo, que soube encarnar, traduzir, levar o Evangelho em comunhão com os outros Apóstolos, ultrapassando as inevitáveis dificuldades e oposições, sem jamais descer a compromissos que lhe impedissem o anúncio.

<p>Como apóstolo da Bíblia, o nosso Fundador merece um lugar de honra. O Texto sagrado foi o tema e o conteúdo principal das suas iniciativas apostólicas, a sua paixão. Para difundir a Palavra de Deus e fazê-la conhecer e amar, prodigalizou-se com uma criatividade sem comparação. Fez e animou a fazer. O elenco seria interminável: traduções, anotações, Congressos, Jornadas e Semanas da Bíblia, Cursos por correspondência, ilustrações, discos, diapositivos, filmes etc. Queria-a acessível a todos, explicada a todos, acolhida por todos, venerada por todos, na base</p>

de toda a acção pastoral. Permanece ainda uma estrutura operativa concreta: a Sociedade Bíblica Católica Internacional (SOBICAIN), por ele fundada, e erigida, em 1960, como União Primária, mediante Breve Pontifício do Papa João XXIII.

“Felizes os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11,28)

O apóstolo da Bíblia não se limita a difundir-la: apoia nela a sua própria espiritualidade e empenha-se no estudo e aprofundamento da Escritura. Já que a Palavra de Deus deve ser o conteúdo principal do nosso apostolado, poderemos dá-la só se a possuímos intimamente. Portanto, devemos conhecer a fundo a Palavra de Deus, meditá-la, deixar-nos interrogar por ela, incarná-la e torná-la visível com a nossa vida, tanto a nível individual como comunitário. O movimento bíblico do século passado deu um notável impulso à redescoberta da Palavra de Deus, e o Concílio Vaticano II sublinhou amiúde a importância que ela deve ter na vida de cada cristão. Junto ao Pão repartido, Cristo fala-nos e torna-se presente na Palavra (SC 7), que escutada e acolhida na fé, nos “converte”, por meio do Espírito, para sermos, por nossa vez, palavra e sinal que manifestam o amor de Deus.

2.6 A Eucaristia: centro dinâmico da vida

“A nossa piedade é, em primeiro lugar, eucarística. Tudo nasce, como de fonte vital, do Mestre eucarístico. Tal como a Família Paulista nasceu do Sacrário, assim se alimenta, assim vive, assim opera, assim se santifica. Da Missa, da Comunhão, da Visita eucarística, tudo: santidade e apostolado” (UPS II, 10).

A Eucaristia teve uma função primordial e caracterizador na experiência do P. Alberione, como pessoa e como Fundador. É impossível separar a história e a vida da Família Paulista da sua fonte original, que continua a ser a sua garantia de crescimento e fecundidade. *“O segredo de grandeza é modelar-se em Deus, vivendo em Cristo. Por isso, seja sempre claro o pensamento de viver e operar na Igreja e pela Igreja; de inserir-se como oliveiras bravias na oliveira vital, Cristo-Eucaristia; de pensar e nutrir-se de cada frase do Evangelho, segundo o espírito de São Paulo” (AD, 95).*

Somos convidados pelo próprio Jesus Cristo a *“tomar tudo d’Ele, Mestre Divino que habita no Sacrário” (AD 157)*. O Verbo divino, que *“assentou a sua tenda no meio de nós”*, torna-se presente e renova a oferta do seu sacrifício em cada Missa e fica presente em todos os Sacrários.

A celebração eucarística não é um rito vazio nem uma representação em lembrança de qualquer coisa que já passou, mas um acontecimento, um memorial, um sacramento que reactualiza o sacrifício único feito por Cristo na sua morte e ressurreição; sacramento por Ele próprio significado com as palavras: *“fazei isto em memória de mim”*.

O culto eucarístico constitui o âmago de toda a vida cristã e deve sê-lo da Família Paulista. É um culto que não se fecha em si mesmo. O sentido autêntico da Eucaristia torna-se, por si mesmo, escola de amor activo para com o próximo. A união com Cristo, cabeça do Corpo Místico que é a sua Igreja, deve tornar-nos sensíveis a todos os sofrimentos e misérias, a todas as injustiças e afrontas, e induzir-nos a procurar o modo de os remediar. É necessário, portanto, desbloquear a tendência ainda demasiado radical de reduzir a celebração da Missa a um acto de devoção quase íntimo, circunscrito ao grupo de participantes. O P. Alberione ensinava que participar na Missa *“com consciência social é transformá-la no apostolado mais vivo” (Alle famiglie paoline, 1954, p. 81)*.

A celebração eucarística quotidiana é o centro dinâmico da realidade religiosa dos Paulistas, complemento da sua consagração no Baptismo e no Crisma. A sua qualidade de dinâmico vem do facto de que tudo converge para a Eucaristia e dela tudo deriva. Porque está estritamente ligado à celebração eucarística vivida comunitariamente, existe para o Paulista um outro pólo eucarístico: a *“Visita”* quotidiana ao SS.mo Sacramento, vivida também ela em espírito comunitário, embora com uma feição mais individual. Dois momentos não separados que fazem do dia paulista um dia completamente *“eucarístico”*.

A Família Paulista inteira converge para a Eucaristia para encontrar alimento. Neste âmbito ela pede e espera da parte dos Paulistas Sacerdotes uma função ministerial particular. Pode fazer-se um discurso análogo quanto à missão específica das Irmãs Discípulas. É este um aspecto da função de *“altrice”* – entendida com um convite a colocar à disposição de todos a sua característica própria – que à luz do dado eucarístico adquire toda a sua conotação de verdadeiro serviço, dom, acção de graças. A *“sede de*

almas” e o “venite ad me omnes” (*vinde a Mim todos*) de Jesus permitem então aos Paulistas compreender o que significa termos “nascido da Hóstia”.

Na celebração eucarística, a palavra que se faz Vida (Corpo e Sangue de Cristo) e se torna alimento da comunidade cristã, força transformante e propulsivo-missionária, assume uma função paradigmática para a actividade apostólica de cada Paulista. De diversas maneiras, de facto, o Paulista Sacerdote e o Paulista Discípulo, desde os primeiros momentos da sua formação, são orientados para deixarem-se transformar e para aprenderem a transformar o Verbo divino em nutrimento para o inteiro povo de Deus.

2.7 A Visita eucarística, dom e distintivo da Família Paulista

A Visita eucarística é um dos dons mais preciosos oferecidos pelo Mestre divino à Família Paulista e que nos foi transmitido fielmente pelo Fundador, o qual o viveu com intensidade, o expôs com clareza e o recomendou com insistência. É um dom que nos distingue e que contribui de maneira determinante para o processo de maturidade espiritual e fecundidade apostólica. *“A Visita é a prática que mais nos orienta, e influencia toda a vida e todo o apostolado: Recolhe os frutos de todas as outras práticas, e leva-os à maturação. É o grande meio para viver Jesus Cristo em totalidade”* (UPS II, 105). É essencial para o desenvolvimento da personalidade paulista: natural, sobrenatural, apostólica: *“Na Família Paulista, os fins estão bem determinados, os meios estão indicados e abundantes, especialmente o tempo em que a alma, na hora de adoração, entra em comunhão com Deus, e amadurece, assimila e aplica tudo quanto aprendeu...”* (AD 164).

Importantes práticas de piedade a que todos os Religiosos são obrigados (cfr. CDC, cân. 663), encontram na característica Visita paulista uma ligação unitária, graças ao método proposto pelo P. Alberione, que sugere se dedique uma parte da Visita à leitura espiritual, preferivelmente da Sagrada Escritura; uma segunda parte, ao exame de consciência ou revisão de vida; e a terceira parte à oração coloquial ou litúrgica.

Servindo-nos deste método, na Visita eucarística honramos com a pessoa toda (mente, vontade, coração) a pessoa de Jesus Cristo, que é Caminho, Verdade e Vida, e entramos decididamente numa relação de assimilação do Mestre divino, aprofundando cada vez mais o mistério de Cristo, meditando as suas virtudes e obtendo as graças necessárias para a nossa santificação e para o cumprimento da missão. *“A hora de adoração quotidiana na Família Paulista, particularmente pelo seu apostolado próprio, é necessária. Ter-se-ia uma tremenda responsabilidade se não fosse prescrita: o Religioso não teria o alimento necessário para a sua vida espiritual e para o seu apostolado. Mas quem a omite assume sobre si mesmo essa responsabilidade, e assumila-iam também os Superiores que não a fizessem praticar”* (UPS II, 10). Este “fazê-la praticar” não significa uma coacção, mas o dever de ofício dos Formadores e dos Superiores, aos quais cabe o dever de favorecer de modo prático a fidelidade à Visita, com motivações eficazes de instrução, horários e lugares adequados, exortações e bom exemplo. Embora se trate de um encontro muito pessoal com o Mestre eucarístico, no *Directório da SSP* aconselha-se a que, “na medida do possível, seja feita comunitariamente” (art. 54). Esta indicação faz parte do estímulo necessário que os componentes da comunidade religiosa devem oferecer-se mutuamente.

O P. Alberione, seja como for, é o primeiro a alertar contra o perigo de considerar a Visita um mero formalismo, uma prática que se cumpre mecanicamente para satisfazer uma norma.

“A verdadeira Visita é um princípio vital que permeia todas as horas, as ocupações, os pensamentos, as relações etc. É uma linfa ou corrente vital, que influi sobre tudo, que comunica o espírito mesmo às coisas mais comuns. Forma uma espiritualidade que se vive e se comunica. Forma o espírito de oração que, cultivado, transforma cada tarefa em oração.

“É necessária a unidade e a circulação de vida. Os Padres Beneditinos vivem de liturgia, bem meditada, sentida, praticada: constitui a sua vida espiritual, activa, ministerial. Assim é a Visita eucarística para os Paulistas” (UPS II, 110).

A instrução do Fundador continua com uma lista das qualidades e dos frutos que se obtêm da Visita bem estruturada e intensamente vivida. O fruto mais belo e consistente é o da “transformação em Cristo”, o objectivo mais elevado para qualquer Paulista (cfr. *Gl 2,20*). Então – conclui o P. Alberione – “*a vida transforma-se em oração, a oração dá a vida*” (*UPS II*, 111).

Para ilustrar o dinamismo da Visita, o Fundador utiliza as imagens mais belas: o pobre que recorre ao Rico, o cego que procura Luz, o coração desorientado que encontra o Caminho, o sedento que bebe na Fonte, o amigo que vai encontrar o verdadeiro Amigo... (cfr. *UPS II*, 104-105). Mas a imagem preferida dele, e mais desenvolvida para ilustrar o sentido vivo da Visita, é a do discípulo aos pés do Mestre Divino: o Paulista acorre cada dia à escola do Mestre para ouvi-IO, para confrontar a própria vida, para falar-Lhe adorando, agradecendo, propiciando, pedindo... A Visita é um encontro, uma entrevista, uma aula, um diálogo para o progresso integral.

2.8 A liturgia: “livro do Espírito Santo”

O Paulista tem motivos particulares para estudar, amar e viver a liturgia: 1) Exige-o a sua vocação de comunicador: será por isso muito sensível e consciente do valor dos sinais, dos gestos, dos movimentos, das palavras, do canto, dos paramentos, da arte sacra etc., e da sua capacidade de transmitir o que exprimem. 2) A Eucaristia, centro da liturgia, é fundamental na espiritualidade paulista: na acção litúrgica, e em particular na celebração eucarística, participam o sacerdócio ministerial de Cristo e o sacerdócio comum dos fiéis: Paulistas Sacerdotes e Paulistas Discípulos. 3) Toda a mensagem cristã deve ser conteúdo do apostolado paulista: dogma, moral e culto. “*O mundo será salvo só se acolher Jesus tal como é: toda a sua doutrina, toda a sua liturgia. Um Evangelho repleto de catecismo e liturgia; uma liturgia (por exemplo, o Missal dos Fiéis) repleta de Evangelho e catecismo*” (CISP, p. 599).

Na época em que Alberione era um jovem seminarista não se manifestara ainda plenamente uma teologia da liturgia. Perto do fim do primeiro decénio de 1900, nascia na Europa o “movimento litúrgico” que se iria espalhar e desenvolver através das publicações que o Fundador bem conhece e menciona no n.º 71 de *Abundantes divitiae*. Profundo conhecedor da História cristã, compreende imediatamente que o povo de Deus não se pode nutrir apenas com a “piedade popular” ou com a espectacularidade de celebrações solenes: é necessário dar-lhe a alma da liturgia, admitir aquela que o Vaticano II chamará “actuosa participatio” (a participação activa). Juntamente com as traduções da Bíblia, nascem assim os Missais bilingues e comentados, para que os fiéis possam compreender melhor as celebrações que estão vivendo. Não fica por explorar sequer o campo da catequese sacramental cinematográfica, para a qual o próprio Alberione se ofereceu como actor, desempenhando, num documentário, o papel dum sacerdote que baptiza.

Destes poucos dados aparece com clareza a vontade, da parte do P. Alberione, de oferecer uma liturgia ao alcance dos fiéis: comunicação “teantrópica” (divino-humana) que se torna acontecimento histórico de salvação partilhada e acolhida. Neste sentido ele aproxima-se do significado original da palavra *liturgia*, quer dizer, “serviço” (*urgia*) feito “em favor do povo” (*laós*), vivendo-o em dois modos: através do *apostolado* e na caracterização “eucarística” da Família Paulista, bem expressa na complementaridade Sacerdote-Discípulo.

O aprofundamento da teologia trinitária no seu aspecto “económico” – quer dizer, a manifestação da Trindade na História – seguindo os estudos do cónego Chiesa, leva o P. Alberione a uma sensibilidade particular em relação ao *mysterium salutis* (a História como “mistério da salvação”), de que se sente participante com toda a Família Paulista (AD 1-6). Uma expressão típica, neste sentido, é a “via humanitatis”, que o Fundador ofereceu à Família Paulista pelo Natal de 1947 (cfr. *Orações da Família Paulista*).

Os Paulistas entram deste modo naquela liturgia que não é só acontecimento ritual local, mas que se desenrola na História como acção santificadora (actuada pelo Espírito) acolhida e de novo oferecida ao Pai em Cristo. Nesta chave de plena comunhão com toda a Igreja e com a comunidade cristã de todos os tempos, os Paulistas celebram o tempo de Deus (*Liturgia das Horas*, celebração dos mistérios da salvação no ano litúrgico e nos sacramentos) e esforçam-se, através da sua acção missionária (o seu apostolado directo, os seus estudos, a sua oração, a sua santificação), para que a obra da misericórdia de Deus se expanda, se conheça e se viva.

A nível litúrgico temos algo a dizer à Igreja. Não devemos esquecer, além do mais, a presença das Discípulas do Divino Mestre na Família Paulista, as quais têm o apostolado litúrgico como expressão importante da sua missão específica.

A nível prático, é oportuno que nas nossas comunidades se cuidem e se revitalizem cada vez mais as celebrações litúrgicas, quer quotidianamente quer por ocasião das festas universais, e as do calendário paulista.

2.9 Humildade e conversão contínua

Na vida consagrada, a humildade é uma virtude indispensável, tanto mais necessária quanto mais altos são os objectivos a alcançar. “*O Religioso paulista* – escreve o P. Alberione – *escolheu a melhor parte, isto é, a perfeição. Não tem carreiras que o seduzam; não visa reconhecimentos e títulos; não tem de conseguir estima ou distinções, não se preocupa com salários. Renunciou inclusive às comuns consolações do clero secular (...) Se o Espírito Santo nos ilumina, pelo que de nós depende, preferiremos a humilhação ao louvor, a pobreza às riquezas, o esquecimento aos elogios, a dor às consolações e à saúde. Julguemo-nos os últimos; não esperemos agradecimentos, coloquemo-nos em segundo lugar, em relação ao clero secular...*” (UPS III, 58).

O processo de conversão contínua a que somos obrigados é outra razão que vê na humildade uma virtude essencialmente paulista. “*A dor dos pecados*” significa o reconhecimento habitual dos nossos pecados, dos defeitos e insuficiências. Distinga-se o que é de Deus do que é nosso: a Deus, toda a honra; a nós, o desprezo. Daqui derivou a oração de fé, “*Pacto ou Segredo de êxito*”.

Remonta a 1923 a revelação ao P. Alberione das três frases que sobressaem nas nossas capelas: “Não temais, Eu estou convosco. Daqui quero iluminar. Tende dor dos pecados”, com o acrescento, contido no *Mihi vivere Christus est*, “mantende-vos na humildade” (n. 139). O original latino *cor poenitens tenete* foi traduzido algumas vezes por “vivei em contínua conversão”. É interessante a junção de conversão e humildade, característica particular do homem que escuta e se deixa guiar pelo Espírito. Basta lembrar São Paulo, cuja conversão não se limita ao acontecimento de Damasco, mas foi um modo de viver toda a sua missão. Conversão, de resto, é também a atitude que leva o apóstolo a olhar atentamente para a realidade que o rodeia, atento à voz do Espírito e deixando-se guiar por Ele pelos caminhos, por vezes incompreensíveis, da missão.

Nem a Profissão Religiosa, nem o Baptismo realizam em nós, de uma vez por todas, a conversão radical. A perfeita configuração a Cristo (o “Cristo vive em mim” de *Gl* 2,20) é um processo lento de maturação, com recuos e quedas. Daqui a necessidade de “habitar” constantemente no coração de Deus, mediante a oração e os Sacramentos, sobretudo o Sacramento da Reconciliação, para sanar as feridas, curar as doenças e receber a força do Espírito para retomar a caminhada. A conversão contínua é a linha vermelha que deve marcar a nossa missão: temos, de facto, a obrigação carismática de estarmos atentos às novas realidades do mundo, de sabermos ler os sinais dos tempos, sem nos fecharmos nas nossas seguranças consoladoras. Ao mesmo tempo, abertos ao Espírito que fala sempre à sua Igreja, devemos ter a coragem de “corrigir” as nossas linhas operativas naquilo que for preciso para evitar concordar com as mentalidades aberrantes ou manifestamente mundanas.

A conversão e a sequela requerem uma plena disponibilidade a Deus, que se deve exprimir numa atitude de simplicidade e humildade, docilidade ao Espírito, superação dos critérios próprios, para ver e julgar as coisas do mundo à luz de Deus. Vem em nosso auxílio a revisão de vida (ou exame de consciência), a fazer pessoalmente e comunitariamente.

Devemos ter a coragem não só de nos corrigirmos a nós mesmos, mas de “converter” também as nossas estruturas, comunitárias e apostólicas, para “embarcar” para aqueles territórios novos e de risco que esperam a mensagem que salva e de que, por graça de Deus, somos anunciadores.

2.10 Espírito de reparação

Os fundamentos da reparação não devem ser procurados nas revelações privadas, mas na Revelação oferecida a todos na Sagrada Escritura e aprofundada pela reflexão teológica. As suas referências são as novas presenças do mal no mundo e as novas esperanças de libertação.

Para cultivar a espiritualidade reparadora é oportuna uma revisão da terminologia hoje usada, e uma consideração das novas esperanças de salvação presentes em tantas expressões da arte, da literatura, da informação quotidiana, da cinematografia... Sem renunciar a termos como a mesma palavra reparação (e conceitos afins: propiciação, oblação, reconciliação, intercessão...), convém reforçar a doutrina sobre a reparação com termos hoje muito ricos de significado, como solidariedade, participação, libertação, interacção, corresponsabilidade, unidade, reciprocidade.

Às **fraquezas de uma espiritualidade reparadora inadequada** (devocionismo pessoal, visão do pecado só como perturbação da ordem moral e religiosa, juízo sobre os pecadores vistos como os “maus”, aceitação da cruz sem uma clara dimensão pascal e por vezes com atitudes de “vitimismo” patológico etc.), devemos contrapor os **valores de uma espiritualidade reparadora correcta**: esta brota do duplo amor a Deus aos homens e está fundada no mistério de salvação. Não se concentra na pessoa de Cristo considerado isoladamente, mas visto como enviado do Pai que, em comunhão com Ele e com o Espírito Santo, realiza a Redenção. Vê a intervenção de Deus na História humana como um processo sempre actual, que abraça todas as realidades do homem e tem por finalidade a restauração universal.

Nesta perspectiva, **o verdadeiro reparador une espiritualidade e empenhamento apostólico**, evitando assim cair num espiritualismo vazio ou num activismo sem alma. O espírito de reparação não esgota todas as dimensões da espiritualidade do Paulista, mas coloca-o em condições de unir estreitamente culto, missão e vida. Para o P. Alberione, o tríptico da reparação do Paulista é constituído pela **vida**, pela **piedade** e pelo **apostolado** (cfr. *UPS IV*, 192).

<p>Se bem vivida, a espiritualidade paulista, pelo seu forte timbre eucarístico, leva de modo quase espontâneo à atitude de reparação, que se apoia precisamente na oblação de Cristo, que se renova sacramentalmente em cada Missa. Cada Paulista deveria chegar à igreja trazendo toda uma experiência de alegrias e de angústias do mundo, para a viver ao máximo naquela particular relação de Deus com os homens que é a Eucaristia; e sair levando consigo propósitos precisos de vida e de apostolado.</p>

O dever da reparação cabe a todos os Paulistas, indistintamente. A mesma reflexão teológica readquiriu a certeza de que este dever é próprio de todos os crentes, em virtude do seu sacerdócio baptismal e “crismal”. Querer, porém, acabar hoje com o encargo dado pelo Fundador aos Discípulos do Divino Mestre e às Irmãs Discípulas do Divino Mestre seria um erro grave e um empobrecimento (cfr. *UPS I*, 223; *IV*, 191). A doutrina sobre os carismas, enriquecida com a eclesiologia de comunhão, reconhece que alguns podem receber o “ministério ofertorial” comum a todos os baptizados com um encargo particular. É o caso precisamente dos Paulistas Discípulos. “*O distintivo particular do espírito do Discípulo é a reparação*” (*CISP*, p. 1449).

Para uma reflexão mais alargada acerca deste tema, veja-se o Apêndice n.º 6.

Falta, no interior da Congregação, uma pedagogia concreta para manter vivo e transmitir às novas gerações o espírito de reparação. Aplicar uma pedagogia semelhante, é responsabilidade sobretudo dos Formadores e dos Animadores directos das comunidades. As circunstâncias que dominam o mundo de hoje oferecem infinitas possibilidades para uma salutar e renovada proposta deste valor pertencente também ele à nossa identidade.

3. EM COMUNHÃO COM TODA A IGREJA

A fidelidade ao homem do nosso tempo, a Cristo e ao Evangelho, exprime-se no espírito de comunhão com toda a Igreja. Essa comunhão foi redescoberta pelo Vaticano II como elemento de sermos cristãos, povo de Deus.

O nosso próprio carisma é um dom do Espírito ao serviço da Igreja, ao passo que o voto de fidelidade ao Papa exprime a nossa forte ligação ao Magistério.

Sermos fiéis à Igreja significa também tomar em séria consideração os aspectos jurídicos que dizem respeito à nossa Congregação.

Significa não perder a nossa função profética, e mantermo-nos abertos e activos na redescoberta do valor da Mulher e do Laicado em geral, e nas novas fronteiras do ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

3.1 A Igreja depois do Vaticano II

“A Família Paulista – afirmou o P. Alberione em 1965 – nasceu quando o Santo Padre, então reinante, era pouco seguido nos seus juízos a respeito da imprensa, e então intervínhamos. A Família Paulista nascia também por isto: para suprir àquele grupo de pessoas, as quais deixavam que o Papa falasse, e ensinavam como elas pensavam, segundo as suas convicções, na maneira como elas achavam melhor, sem terem em conta aquele que tinha a obrigação, o dever e o poder de orientar os católicos o caminho do apostolado” (Pr VO, p. 413). A Igreja é o espaço no qual a Família Paulista opera. A Congregação teve da Igreja o mandato para o apostolado. Ela tem exigências que lhe vêm do interior e do exterior. Longe de ameaçar a própria existência da Igreja, essas exigências parecem fortalecê-la e de algum modo ajudam na sua renovação.

Exigências do interior. O Concílio Vaticano II tinha suscitado muitas esperanças quanto à renovação e actualização da Igreja. Trinta anos após, João Paulo II exprimia-se assim na *Tertio millennio adveniente*: “O exame de consciência não pode deixar de incluir a *vivência do Concílio*, este grande dom do Espírito feito à Igreja quase ao findar do segundo milénio. Em que medida a Palavra de Deus se tornou mais plenamente alma da teologia e inspiradora de toda a existência cristã, como pedia a Constituição *Dei Verbum*? É vivida a liturgia como «fonte e cume» da vida eclesial, segundo o ensinamento da Constituição *Sacrosanctum Concilium*? Vai-se consolidando, na Igreja universal e nas Igrejas particulares, a eclesiologia de comunhão da Constituição *Lumen Gentium*, dando lugar aos carismas, aos ministérios, às várias formas de participação do Povo de Deus, sem, contudo, descair no democraticismo e sociologismo que não reflectem a visão católica da Igreja e o autêntico espírito do Vaticano II? Uma pergunta vital há-de também pôr-se quanto ao estilo das relações da Igreja com o mundo. As directrizes conciliares – oferecidas na Constituição *Gaudium et spes* e noutros documentos – sobre diálogo aberto, respeitoso e cordial, acompanhado todavia por atento discernimento e corajoso testemunho da verdade, permanecem válidas e chamam-nos a mais profundo empenhamento” (TMA, 36).

Esta série de perguntas feitas pelo Papa nada têm de retórico. Cada uma delas deixa entrever um *deficit* preocupante num determinado campo da acção pastoral ou da vida cristã. Apesar do caminho feito e lo luminoso testemunho de excelentes cristãos nos últimos decénios do século XX, resta a percepção de desleixo ou quase traição ao espírito conciliar no conjunto da Igreja: fiéis e Hierarquia. Tem por isso fundamento o convite insistente de João Paulo II para que se volte aos documentos do Vaticano II, para redescobrir o tesouro de incentivos doutrinários presentes neles. Nós Paulistas somos chamados a ser testemunhas e agentes deste empenhamento.

Do exterior, a Igreja vê-se a conviver com um movimento de secularismo cada vez mais forte. Desde o momento em que ela, nas Nações de antiga tradição cristã, perdeu a sua influência no confronto com a sociedade civil, evidenciaram-se a separação entre Igreja e Estado, a autonomia do Estado, a autonomia da ciência e do comércio. A Igreja perdeu a sua posição de preeminência tradicional; o secularismo procura impor-se sobre todas as realidades humanas, relegando os valores religiosos para o âmbito privado.

Uma mentalidade secular exasperada quer não só liberdade *de* religião mas liberdade *da* religião: esta, em muitas Nações, tornou-se um simples facto cultural, não já uma fonte de significado e de motivações para a vida. A Igreja precisa, hoje mais do que

nunca, de estabelecer uma relação serena com o mundo e as forças laicais; precisa de saber adaptar os seus meios de evangelização às diversas situações geográficas e culturais: disto depende também ser entendida num sentido ou no outro.

O catolicismo oferece ainda respostas validíssimas às perguntas essenciais e mais profundas do homem acerca do significado da vida e as razões para ter esperança. Este facto pode garantir a presença contínua da Igreja. É neste contexto que os Paulistas se encontram a trabalhar, fortes do seu carisma ao serviço do homem e da Igreja.

3.2 O “carisma paulista” na vida da Igreja

“Todo o carisma autêntico traz consigo certa dose de genuína novidade na vida espiritual da Igreja bem como de particular operosidade, que poderá talvez mostrar-se incômoda no ambiente e também criar dificuldades, pois não é fácil reconhecer sempre e imediatamente a proveniência do Espírito” (Mutuae Relationes, n. 12 primeira parte).

O carisma paulista. – “Uma das atitudes características do Primeiro Mestre é a vigilância pastoral; ou seja, aquela sensibilidade de intuir, com clareza penetrante e com grande antecipação, as necessidades do povo de Deus. Por uma moção do Espírito, ele intuiu as correntes dinâmicas do seu tempo e a tal intuição adequou docilmente a sua acção e as suas fundações, dirigidas para socorrer espiritualmente os homens”. A manifestação feita ao nosso Fundador pelo Espírito para o bem comum é o nosso *carisma*. (DC 1969-1971, n. 36). O carisma do Fundador concretizou-se na fundação da Congregação e de toda a Família Paulista. Com a aprovação da Igreja, o nosso apostolado específico tornou-se oficialmente parte da sua missão: acção que se exerce em nome da Igreja, para a Igreja e como Igreja. “A fidelidade ao carisma do Fundador torna-se por isso fidelidade à Igreja” (DC n. 41b).

“A nota carismática própria de qualquer Instituto exige, tanto no Fundador como nos seus discípulos, contínuo exame da fidelidade a Deus, da docilidade ao Senhor, da docilidade ao seu Espírito, da atenção inteligente às circunstâncias e da visão prudentemente voltada para os sinais dos tempos, da vontade de inserção na Igreja, da consciência de subordinação à sagrada Hierarquia, da coragem nas iniciativas, da constância em doar-se, da humildade em suportar os contratempos. A relação justa entre carisma genuíno, perspectiva de novidade e sofrimento interior, comporta uma constante história de conexão entre carisma e cruz...” (Mutuae Relationes, n. 12 segunda parte).

Características de um apóstolo paulista. – O P. Alberione insiste para que os Paulistas possuam uma cultura teológica profunda, e qualidades interiores para difundirem a doutrina cristã com uma fidelidade incondicional à Santa Sé. Deverão difundir a Palavra de Deus com o mesmo coração com que o Mestre Divino pregou, com o zelo de São Paulo e com a humildade da Virgem Maria. A primeira prioridade para um apóstolo é a vida interior. Só na vida interior ele encontrará a capacidade e a energia para viver, e ajudar os outros a viver, Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida.

Eficácia apostólica. – Numa das suas páginas mais belas e clarividentes, a propósito do apostolado das edições, o P. Alberione escrevia, em 1950: “São necessárias grandíssimas despesas para uma produção de imprensa, de filmes, de instalações de rádio e de televisão e para a sua continuidade. Isto requer organização, abundância de pessoal preparado, substituição oportuna deste, colectas de dinheiro (...) Tratando-se de tarefas delicadas moral e economicamente, é sempre preciso: de um lado, que a isso se dediquem Religiosos de verdadeira observância, e do outro, se sigam as normas da Igreja no tocante a administração, e mais ainda, uma vigilância contínua da parte dos Superiores (...) Haja a persuasão de que nestes apostolados se requer maior espírito de sacrifício e piedade mais profunda. Tentativas falhadas, sacrifícios de sono e de horários, dinheiro que nunca basta, incompreensão de muitos, perigos espirituais de todo o género, perspicácia na escolha dos meios... Salvar os outros, mas antes salvar-nos! São precisos Santos que nos precedam nestes caminhos ainda não trilhados e em

parte nem sequer sinalizados. Não é assunto para amadores, mas para verdadeiros apóstolos...” (CISP, pp.. 806-807).

“A imprensa, o cinema, a rádio, a televisão constituem hoje as mais urgentes, as mais rápidas e mais eficazes obras do apostolado católico. Pode ser que os tempos nos reservem outros meios melhores. Mas no presente parece que o coração do apóstolo não pode desejar algo de melhor para dar Deus às almas e as almas a Deus” (UPS I, 313).

Paulistas para o novo milénio. – A previsão que o P. Alberione fazia em 1960 realizou-se. Estes nossos tempos são os das modernas tecnologias de comunicação. Os computadores e os satélites estão revolucionando o mundo da comunicação que está formando as novas gerações. Cada um deve tender para ocupar o maior *cyberespaço* possível. Precisamente em virtude da nossa vocação, nós Paulistas temos uma tarefa-guia a desempenhar na cultura dos média. Devemos utilizar a nossa criatividade e a nossa imaginação para abrir os caminhos para Deus no espaço da comunicação global, proclamando com coragem e com força que Deus quer partilhar a sua vida com todos os seres humanos. Mas é condição indispensável que isso parta do coração de um verdadeiro apóstolo.

3.3 Dizer e dar “alguma coisa” à Igreja

“O P. Alberione deu à Igreja novos instrumentos para se exprimir, novos meios para dar vigor e amplitude ao seu apostolado, nova capacidade e nova consciência da validade e da possibilidade da sua missão no mundo moderno e com os meios modernos” (Papa Paulo VI, 28 de Junho de 1969). Com estas palavras, o Papa Montini reconhecia um tríplice mérito no dom peculiar do P. Alberione à Igreja: instrumentos, estratégias e mentalidade. Um contributo que vai para além dos meios.

O parágrafo que precede as palavras citadas, do discurso de Paulo VI, descreve assim o P. Alberione: “Humilde, silencioso, incansável, sempre vigilante, sempre recolhido nos seus pensamentos que passam da oração à acção (...) sempre absorvido a perscrutar os “sinais dos tempos”, isto é, as formas mais geniais para chegar às almas”. Aqui está uma outra lição oferecida aos Paulistas de todos os tempos, para que possamos dar um contributo válido à missão da Igreja: passar da oração à acção; da reflexão acerca das condições do mundo para as propostas e iniciativas concretas de apostolado.

A própria oração é um forte contributo para a vida da Igreja. Ensina o P. Alberione: “A oração para o homem, o cristão, o Religioso, o Sacerdote, é o primeiro e maior dever. Nenhum contributo maior que este podemos dar à Congregação do que a oração; nenhuma obra é mais útil para nós que a oração; num Sacerdote, nenhum trabalho é mais profícuo para a Igreja do que a oração” (2º de Abril de 1937, CISP, p.87).

A oração autêntica procede de uma vida e gera a vida. Faz parte de um testemunho global, do contributo que cada cristão oferece como indivíduo para a construção do Reino. Com maior razão o Religioso, cujo estado pertence de per si à nota de santidade própria da Igreja, contribui para embelezá-la e enriquecê-la espiritualmente com o seu empenhamento pessoal de santificação. O Fundador definia a Vida Religiosa como “uma vida cristã em alta tensão” e convidava os seus filhos a serem “verdadeiros Religiosos” e a não se refugiarem “numa forma de amadorismo religioso” (cfr. UPS IV, 187-188). Exortava-os a serem santos para poderem agir como servidores fiéis e eficazes na Igreja, porquanto “as obras de Deus fazem-nas os homens de Deus”.

A Vida Religiosa paulista tem as suas características e contém particulares dons da parte do Senhor. É sustentada por uma espiritualidade cristocêntrica bem definida e amplamente ilustrada pelo Fundador (cfr. por ex., AD 159-160). Pois bem, a espiritualidade paulista é a nossa voz profética na Igreja, dentro da qual temos uma responsabilidade específica: é por isso tarefa da cada um de nós divulgá-la” (*Constituições*, art. 13). Obviamente, o primeiro dever do Paulista será o de conhecer e viver, ele próprio, essa espiritualidade: “Para alguém se salvar é absolutamente necessário que se estabeleça em Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida; para se ser cristão, é absolutamente necessário viver em Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida; para se ser Religioso paulista, é absolutamente necessário viver melhor em Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida; para fazer apostolado, é absolutamente necessário dar Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida” (1958, CISP, p. 1219).

“A Pia Sociedade de São Paulo – escrevia o P. Alberione em 1957 – tem alguma coisa para dizer ao mundo: tomámos uma estrada não para andar ao acaso, mas com meta fixa e com meios estudados e aperfeiçoados” (SP, Maio de 1957; CISP, p.

165). A nossa meta é a evangelização; os nossos meios para o apostolado são os mais rápidos e eficazes; o espírito que nos deve animar é o de São Paulo, discípulo e apóstolo incondicional do Mestre divino.

Cfr. também a ficha 4.11 “Profetismo paulista”

3.4 O voto de fidelidade ao Papa e o relacionamento com o Magistério

Associados na história primitiva da Igreja e na celebração litúrgica, os Apóstolos Pedro e Paulo são inseparáveis. Na Sagrada Escritura, especialmente nos *Actos dos Apóstolos*, encontramos as razões profundas pelas quais a Igreja junta Pedro e Paulo. Ambas as figuras ressaltam nessa história. Pedro é apresentado claramente como chefe visível e ponto de referência da unidade da Igreja. Paulo representa de preferência a abertura a todo o mundo e a expansão da Igreja. Embora evitando estabelecer categorias absolutas, tem fundamento o reconhecimento de que reconhecemos em Pedro o princípio de unidade, o primado de uma hierarquia de serviço (“Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja...”, *Mt* 16,18); e em Paulo o princípio da expansão missionária (“Servo de Jesus Cristo, apóstolo por vocação, escolhido para anunciar o Evangelho...” *Rm* 1,1). Os dois princípios, as duas forças – de unificação e de expansão – estão presentes e interactivas na Igreja. Ambas são necessárias: são forças complementares que se integram em equilíbrio vital.

A verdadeira devoção a São Paulo conduz à verdadeira devoção a São Pedro, e isto tem para nós uma expressão privilegiada na adesão filial e diligente ao Vigário de Cristo, o Papa.

O P. Alberione achava necessário o voto de fidelidade ao Papa em tudo o que diz respeito ao apostolado, devido à universalidade do apostolado paulista. Este quarto voto está presente desde os começos do Instituto: naquele período histórico, de facto, a sociedade e a própria Igreja atravessavam momentos de contestação às directrizes do Papa e da Santa Sé. A introdução do voto de fidelidade ao Papa, na Profissão religiosa dos Paulistas, além disso, baseia-se na experiência mística do Fundador e na sua visão cristológica unitária (cfr. *AD* 15; 20; 49).

O voto tem um conteúdo eminentemente apostólico, que se exprime como manifestação vivíssima de pertença à Igreja e como acolhimento das directrizes do Magistério e das orientações pastorais do Papa (*DC* n.478). Aumenta em nós, Paulistas, a consciência de que vivemos, servimos e trabalhamos na Igreja e para a Igreja ((*AD* 95). A missão de Paulo, de facto, é marcada pela universalidade e é complementar e coessencial à de Pedro, que se exprime na “romanidade”: com o quarto voto, portanto, o Fundador entregou como herança carismática a nós, Paulistas, também o Apóstolo Pedro (*AD* 157; *UPS* IV, 119).

A **universalidade** (*AD* 64) e a **“romanidade”** (*AD* 115) são por isso aspectos inseparáveis no carisma de fundação do Instituto. Esta dupla dimensão está bem expressa nestas palavras do P. Alberione: **“Não há nacionalidade para a Congregação, mas só a catolicidade**, uma vez que o Instituto é *iuris pontificii*, isto é, directamente sujeito ao Papa” (*UPS* I, 52).

A observância deste voto torna as nossas fronteiras missionárias sempre abertas; nada nos pode impedir no nosso compromisso de levar mesmo aos afastados a Palavra de salvação. Ele permite-nos agir fielmente e com criatividade no campo da comunicação social.

A palavra “romanidade”, hoje caída em desuso, era muito cara ao Fundador, que não a utilizava levemente. No seu *Catechismo sociale* (1949), depois de ter recordado, no n.º 100, as notas características da Igreja, una, santa, católica e apostólica, no número sucessivo afirma: *Estas características podem resumir-se numa só palavra: ‘romanidade’ ou união com o Sumo Pontífice”*.

Independentemente do “quarto voto”, e em qualquer momento da História, a Congregação é chamada a testemunhar um grande amor à Igreja, uma particular adesão ao Vigário de Cristo e uma especial docilidade e diligência quanto ao Magistério.

De modo particular, o apostolado coloca-nos ao serviço e em mútua colaboração com a Igreja local, onde estamos presentes com a nossa missão. A nossa evangelização está assim inculturada e nós encontramos-nos em sintonia com a pastoral da comunidade em que estamos inseridos. Se estivermos inseridos correctamente na Igreja local, conheceremos melhor a realidade e responderemos às necessidades dos nossos destinatários, sem entrar em contradição ou agir em oposição aos outros operadores pastorais.

O quarto voto vincula-nos permanentemente à Igreja católica. Seremos sempre a ligação entre as directrizes do Magistério e o Povo de Deus, necessitado do pão da palavra e do peixe multiplicado, alimentos que nós, como apóstolos, nos encarregámos de distribuir ao homem de hoje.

3.5 Sacerdote e Discípulo: alguns aspectos jurídicos

A questão jurídica, embora sendo um argumento que sempre despertou um notável interesse no interior da nossa Congregação, parece não ser actualmente uma das preocupações maiores. Pelo contrário, é hoje muito mais importante o esforço que se desenvolve em reviver o sentido da nossa identidade carismática e a nossa resposta às expectativas da Igreja e da sociedade.

No dizer do actual Código de Direito Canónico (cân. 588), a Sociedade de São Paulo é um “Instituto clerical” de vida apostólica (cfr. *Constituições*, n. 2). O facto de ser clerical é determinado sobretudo pela finalidade e as tarefas próprias do Instituto. A Sociedade de São Paulo é, de facto, uma Congregação docente: o nosso apostolado é verdadeira pregação que se exerce “não somente por força do carácter baptismal e “crismal” dos seus membros e em virtude de um mandato extrínseco de tipo jurídico, com o qual a Hierarquia a associa à sua própria missão e à própria pregação, mas também em virtude do carácter da Ordem dos seus Membros Sacerdotes” (DC 24). O dom do sacerdócio ministerial pertence por isso ao carisma fundacional, não só da Congregação mas de toda a Família Paulista. O Paulista Discípulo não realiza no entanto uma actividade subsidiária ou de segundo grau. A sua contribuição está estreitamente associada ao apostolado sacerdotal específico. A presença do Discípulo é complementar e co-essencial à do Sacerdote. Sacerdote e Discípulo constituem-se “Paulistas” um ao outro.

No que diz respeito aos direitos e deveres, estes são comuns a todos os Membros, “excepto os que derivam da Ordem sagrada”. Cada membro tem, “em linha de princípio, acesso a todas as formas de apostolado e aos lugares de responsabilidade em base a um único critério: o dom de Deus, a competência, a experiência, a maturidade e o equilíbrio” (DC 26).

Deve sublinhar-se que aquilo que outras Congregações estão agora descobrindo, enquanto de esforçam por renovar no interior de si mesmas a fisionomia do chamado “Irmão leigo”, a Sociedade de São Paulo já o possui como carisma próprio herdado do Fundador.

Como é sabido, em base ao direito vigente, para o serviço de Governo é requerida a Ordem sagrada. Falta esclarecer o nível e a competência de Governo. O *Manual de Autoridade* apelando-se à função jurídica da “delegação” apontou, neste campo, amplas possibilidades.

Perspectivas

Seja qual for a resposta que possa vir da Comissão encarregada de estudar a possibilidade de os Discípulos poderem aceder à responsabilidade de Governo (VC 61), o Paulista, Discípulo ou Sacerdote, está consciente de que a função de Superior é um serviço de animação a prestar, e não um direito a exigir ou uma promoção a alcançar. Há espaço de crescimento na consciência do valor profético da vocação do Discípulo, tal como o pleno exercício do Sacerdócio comum dos fiéis, acto de culto contínuo e “liturgia da vida” (Rm 12,2). Todos somos chamados, ao invés, a compreender e a viver melhor a complementaridade entre Sacerdote e Discípulo.

Todas as considerações jurídicas seriam no entanto palavras estéreis se não fossem acompanhadas na nossa vida quotidiana por:

1. uma profunda estima recíproca;
2. um empenhamento formativo sério para todos, candidatos e Professos, independentemente da sua vocação específica;
3. uma comunicação cada vez mais sentida partilha, co-responsabilidade na elaboração dos projectos apostólico-administrativos, na sua realização e na sucessiva revisão.

Num mundo onde vigora a lei da primazia, da ambição e do sucesso, o Paulista, Sacerdote e Discípulo, deve ser testemunha evidente de que o caminho principal da sequela é mesmo o da *kénose*, da renúncia e do esvaziamento de si próprio (*Fl 2,5ss*) para o crescimento do Reino.

3.6 A presença feminina

Já desde 1908, “tendo em vista o futuro início da Família Paulista, (o P. Alberione) tinha começado a procurar e a formar rapazes e raparigas” (AD 103). “Por volta de 1910 deu um passo definitivo. Numa luz maior viu: escritores, técnicos, divulgadores, mas Religiosos e Religiosas” (AD 24). Em 1916, depois dos primeiros passos e das grandes dificuldades relativas, começou a inculcar nos rapazes e raparigas que o tinham seguido o verdadeiro sentido da fundação, que iria dividir-se em três ramos: ramo masculino-Religioso; ramo feminino-Religioso, ramo leigo-masculino-feminino (*Programa*, 15 de Agosto de 1916). “Para a Boa Imprensa são precisas missionárias, tal como para a obra da propagação da fé entre os infiéis... Muitas tarefas são próprias da mulher: sendo numerosas... as mulheres conseguem mais...” (UCBS, Março de 1922). Oitenta anos após esta última citação, das dez Instituições que compõem a Família Paulista, cinco são totalmente femininas e duas são compostas por pessoas de ambos os sexos; das cinco Congregações Paulistas, quatro são femininas e só uma masculina. É bem evidente o peso que a Mulher tem no desenvolvimento da Família inteira. É esclarecedor, também, o que o P. Alberione escreveu no seu livro *A Mulher associada ao zelo sacerdotal*: “...a Mulher de hoje deve formar o homem de hoje...” (pág. 39), e: “...a Mulher é forte no seu coração; ...não raciocina sobre o seu ideal, mas pressente-o e, depois de o tornar seu, ama-o com todo o seu ser e tende para ele com todas as suas forças, defende-o apaixonadamente perante o homem...” (pág. 55). Na citada obra do Fundador estão já anunciados os campos de apostolado da Mulher na futura Família. Não convém esquecer, depois, que embora a primeira edição deste livro remonte a 1915 e seja um dos primeiros livros impressos pela recém-nascida *Escola Tipográfica “Pequeno Operário”*, o Fundador já pensava nela a partir de 1911 (cfr. AD 109).

A dignidade e a vocação da Mulher é por isso, para nós Paulistas, um dado “teoricamente” adquirido: estamos suficientemente instruídos sobre a sua dignidade, sobre o lugar importante que ocupa, ou deveria ocupar na Igreja. O recente *Projecto unitário da Família Paulista*, elaborado por uma Comissão inter-congregacional da Família Paulista: *Dar ao mundo Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida* (Março de 2001) ilustra a riqueza carismática diversificada que a Mulher “paulista” representa.

No entanto, isso de nos reconhecermos de facto como uma verdadeira Família não ser um objectivo ainda plenamente alcançado, também o é o facto de sermos capazes de uma colaboração plena e amadurecida, feita de conhecimento e de estima, de intercâmbios e de enriquecimento mútuo na consagração comum e na missão de “dar Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida ao mundo”.

Neste ponto, o trabalho a realizar pode inspirar-se na mensagem do documento *Vida consagrada*: “A nova consciência feminina ajuda também os homens a rever os seus esquemas mentais, o seu modo de auto-compreensão, da sua posição na História e como interpretá-la, de organizar a vida social, política, económica, religiosa, eclesial” (n. 57). Temos de alcançar a plena fraternidade no masculino e no feminino desejada pelo nosso Pai comum, se queremos estar e trabalhar na Igreja: na fidelidade aos carismas específicas de cada um e ao carisma unitário de Família.

Ultrapassando todas as formas de conflituosidade entre os sexos, devemos empenhar-nos seriamente na formação integral inter-congregacional, a todos os níveis e em todos os sectores, sem esquecer os relacionais, quer antropológicos quer espirituais.

3.7 A “laicidade” na Congregação

Embora a condição jurídica da Sociedade de São Paulo seja a de uma Congregação Religiosa clerical (cfr. *Constituições*, art. 2), a nota de “laicidade” no seu apostolado específico é fundamental. Com esta afirmação entendemos referir-nos à abertura, actualidade e novidade de meios utilizados para a promoção humana e a evangelização. São destinatários do nosso apostolado todas as categorias de pessoas: campos de interesse, todas as questões que envolvem a sociedade; o conteúdo prioritário da obra apostólica, toda a doutrina cristã, toda a moral, todo o culto; os meios e as linguagens da comunicação social mais rápidos e eficazes.

A nota de “laicidade” própria do apostolado paulista encontra nos Paulistas Discípulos uma idoneidade particular que o Fundador entendia quando lhes confiava a técnica e a difusão. Hoje todos admitem que não existem impedimentos para nenhum Paulista – Sacerdote ou Discípulo – em nenhum campo ou momento do apostolado paulista. Continua válido, porém, o sentido e o valor daquele “espaço típico” ou maior propriedade pelo qual se interessou o Capítulo Geral Especial (1969-1971) e que começou a fazer parte das nossas Constituições (cfr. art. 5). Se assim não fosse, não aconteceria, como por vezes acontece, que alguns Paulistas Sacerdotes cheguem a dizer que não sabem a razão do seu sacerdócio ministerial. Evidentemente, por força das circunstâncias (quase sempre), também por lacunas da formação (em muitos casos), um bom número de Paulistas Sacerdotes ocupam lugares ou desempenham tarefas mais próprias dos Paulistas Discípulos, ao passo que continua a ser escasso o número de Paulistas dedicados à redacção e a outras tarefas mais próprias do Paulista Sacerdote. Na relação que fez da “Jornada para os Discípulos do Divino Mestre”, celebrada em 1965, o P. Alberione já fazia notar a necessidade de não subestimar aquilo a que chamamos “espaço típico”: *“Há Sacerdotes que desanimam quando são destinados prioritariamente à técnica! Por outro lado, o Discípulo ficará mais contente ao tomar a direcção dos apostolados que lhe competem”* (SP, Janeiro de 1965, CISP, p. 1446).

A falta de aprofundamento da nota de “laicidade” da nossa missão e da vocação dos Paulistas Discípulos, é uma das causas pelas quais alguns, sem pensar, chegam a definir os Discípulos de modo negativo: como os Paulistas que não têm a Ordem sacerdotal. Os que assim se exprimem não têm em conta nem os ensinamentos do Fundador, nem a normativa própria da Congregação, nem a doutrina do Magistério. O Decreto *Perfectae caritatis* afirma com clareza que a Vida Religiosa laical constitui em si mesma um estado completo de profissão dos conselhos evangélicos (cfr. PC n. 10). É preciso chegar às raízes e, por isso, ao sentido da “laicidade” presente nos Paulistas Discípulos e na índole própria do nosso carisma; essas raízes encontram-se na eclesiologia de comunhão e procedem do Evangelho: Cristo, através da Igreja, continua na História, no meio das realidades do mundo, a sua obra de libertação e de salvação. Ele está presente como Cabeça, e todos os baptizados são os membros.

O Mestre rezou assim pelos seus discípulos: “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno. Eles não são do mundo, como Eu não sou do mundo” (Jo 17,15-16). Deu-lhes estas instruções: que fossem “sal da terra” e não perdessem o sabor; “luz do mundo”, mas não colocada sob o alqueire; “cidade colocada sobre o monte” (cfr. Mt 5,13-15); “semente de mostarda” que cresce e se torna árvore (cfr. Mt 13,31-32); “fermento” que faz fermentar toda a massa (cfr. Mt 13,33). Enviou-os ao mundo inteiro e garantiu-lhes a sua assistência: “Ide e fazei com que todos os povos se tornem

meus discípulos (...) Eis que Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo” (Mt 28, 19-20).

A Igreja, portanto, age no mundo, dialoga com a sociedade de todos os tempos, oferece a todos a sua mensagem e os meios de graça. Mesmo que historicamente a Vida Religiosa se tenha manifestado como um afastamento do mundo, reconheceu, desde o princípio, como seu dever contribuir para a salvação do mundo, e bem depressa apareceram as iniciativas concretas de apostolado nos mais variados campos.

A partir da primeira iluminação, o Fundador compreendeu a urgência de novos apóstolos que, com espírito novo e com novos meios, transformassem as novas condições da sociedade com o fermento evangélico. Depois, “numa maior luz”, pelo ano de 1910, passou da ideia primitiva (uma organização de católicos dedicados ao apostolado da imprensa) para uma resolução definitiva: “Escritores, técnicos, propagandistas, mas *Religiosos e Religiosas*” (AD 24). Este passo comportava grandes vantagens, quer para os chamados quer para a obra a realizar; o que não mudava era o género do serviço apostólico aberto, actualíssimo, dirigido a todas as categorias de pessoas, em resposta às suas necessidades reais e mais urgentes, utilizando, para o apostolado, os instrumentos que o progresso humano, por vontade da Providência, oferecia para a comunicação: os meios mais rápidos e eficazes.

3.8 O Sacerdócio ministerial na Congregação

O nosso apostolado é **verdadeira pregação**, que se realiza “não somente devido ao carácter do Baptismo e do Crisma dos seus membros e a um mandato extrínseco de tipo jurídico, com o qual a Hierarquia associaria à sua própria missão e à sua pregação, mas sobretudo **devido ao carácter da Ordem sagrada dos seus membros Sacerdotes** (DC 24). O dom do sacerdócio ministerial pertence por isso ao carisma “fundacional” não só da Congregação mas de toda a Família Paulista.

A actualidade, abertura e universalidade da missão paulista (cfr. *‘Laicidade’*, ficha 3.7), devemos considerá-la junto com a sua sacralidade e carácter oficial de pregação. Embora todos os baptizados participem no sacerdócio comum e sejam chamados ao anúncio da Verdade que recebem e em que acreditaram, cabe ao sacerdócio ministerial o dever oficial e normativo da pregação. É um dos “principais deveres dos Bispos”; associados a estes, cumprem-no os Sacerdotes “consagrados para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino” (cfr. *LG* nn. 25 e 28). A pregação instrumental (mediata) que os Paulistas cumprem com o seu apostolado é pregação verdadeira e própria, pregação oficial, exercício da missão confiada à Igreja. “Os presbíteros, como cooperadores dos Bispos, têm, como primeiro dever, anunciar a todos o Evangelho de Deus” (cfr. *PO* 2;4). Devido à presença e exercício do sacerdócio ministerial e à íntima associação de Sacerdotes e Discípulos na actividade paulista, esta torna-se pregação oficial. O mesmo motivo permite ao P Alberione falar – a propósito dos Discípulos – de um “quase sacerdócio” (cfr. *AD* 40). “*O Discípulo adquire grande dignidade e privilégio. Isto está conforme ao espírito do Concílio Vaticano II*” (SP, Janeiro de 1965; *CISP*, pág. 1445).

O Paulista Sacerdote, portanto, seja no exercício da redacção (dever que lhe é próprio), seja em qualquer outro momento ou campo do apostolado paulistas, age sempre como consagrado e como alguém a quem foi conferido o sacerdócio ministerial. Nunca pode abstrair do sacramento da Ordem recebido nem dos particulares deveres a ele vinculados. Os seus deveres para com a Igreja e no interior da Congregação e da Família Paulista são principalmente três:

1. – O ministério da Palavra (pregação da Palavra de Deus: em forma directa, na acção litúrgica, e com os meios de comunicação social, iluminando todas as realidades, todos os problemas humanos com a luz do Evangelho. O Paulista Sacerdote deve reflectir muito acerca da responsabilidade que lhe cabe (embora não exclusiva) na preparação e formulação dos conteúdos, ou seja, no campo da “redacção”).

2. – O ministério da santificação, que se cumpre particularmente com a administração dos Sacramentos e com a oração de louvor e acção de graças pelo povo: o Ofício divino (cfr. *SC* 83-86; 90; 96; 99). O Paulista Sacerdote dará grande importância ao sentido e portanto à preparação e celebração da Santa Missa. “É pelo ministério dos presbíteros que o sacrifício espiritual dos fiéis se consuma em união com o sacrifício de Cristo, mediador único, que é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental pelas mãos deles, em nome de toda a Igreja, até quando o mesmo Senhor vier” (*SC* n. 2).

3. – O ministério pastoral, que deve apontar para a unificação do povo de Deus e para a orientação e formação dos irmãos. A obra de animação, no sentido mais amplo e profundo da palavra, cabe antes de mais aos Paulistas Sacerdotes, e não somente em relação à própria SSP, mas a toda a Família Paulista. “*O calor e a luz vital devem jorrar dos Sacerdotes paulistas, que têm aqui um grande e delicado ministério*” (*UPS* I, 20).

As declarações insistentes do Fundador acerca da necessidade de um maior número de Paulistas Discípulos em relação ao número total dos Membros da Congregação adquirirão um valor novo se as relemos não já em perspectiva de orientação mais específica e de qualificação. Ao mesmo tempo, será preciso aprofundar – e transmitir com clareza na formação – o carácter oficial da pregação instrumental paulista, graças à participação no sacerdócio ministerial.

A formação dos Paulistas chamados ao Sacerdócio ministerial deverá ser muito cuidada. Escreve o P. Alberione: “*Far-se-á uma escolha diligentíssima, para que haja a segurança moral de se terem Sacerdotes não só bons mas muito distintos, sob todos os aspectos*” (1951, cfr. *CISP*, p. 351).

3.9 Ecumenismo e diálogo inter-religioso: fronteiras abertas

No Novo Testamento, São Paulo é quem mais insiste contra todo o tipo de divisão: *“Exorto-vos, irmãos, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo: mantende-vos de acordo uns com os outros, para que não haja divisões. Sede estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar”* (1Cor 1,10). E àqueles que gritam: *“Eu sou de Paulo, eu de Apolo, eu de Pedro”*, responde: *“Será que Cristo está dividido?”* (1Cor 1,12).

O P. Alberione tinha a mesma aspiração pela unidade. Já em 1935 funda a “Unitas”, depois chamada “Ut unum sint”, que em 1960 se tornou Associação Primária com decreto pontifício. Em 1970 foi constituída ente jurídico moral. Assim se exprime o P. Alberione em 1960: *“O trabalho promovido pela Pia Sociedade há já anos pela unificação, e que recebeu o nome de Ut unum sint, deriva do espírito do Instituto. Não somos enviados a uma cidade ou a uma Nação, mas ao mundo inteiro ; levemos no nosso coração todo o mundo, como São Paulo; todas as Nações, todos os Continentes... Consideremo-nos apóstolos da Humanidade e apóstolos da unidade”* (cfr. DC 83).

No século passado, o movimento ecuménico levou a Igreja a reflectir sobre o diálogo e a colaboração com as Igrejas e comunidades cristãs. O Concílio Vaticano II e as declarações do Magistério, que se repetiram nestes anos, dão-nos indicações claras sobre o “diálogo” em sentido amplo: diálogo e caminhada para a unidade com as confissões cristãs, diálogo e procura da concórdia e da paz com as outras religiões, diálogo e enriquecimento recíproco com os não crentes.

“A abertura a todos os homens, para lhes comunicar Cristo, aceitando todos os meios positivos que a História humana oferece, e, ao mesmo tempo, a aspiração pela unificação e pela síntese (científica, religiosa, eclesiástica, mundial) em constante tensão de actualização e de renovação, para além de ser uma fortíssima exigência do nosso tempo, corresponde exactamente ao pensamento e à acção do nosso Fundador” (DC 82).

Devemos interrogar-nos sobre a sensibilidade ecuménica própria da nossa Congregação e da Família Paulista, sobre o facto de sermos verdadeiros sequazes de São Paulo e do P. Alberione, cuja vida apostólica foi marcada pela aspiração à unidade. Unidade interna, colaboração com as Igrejas e, à luz dos novos caminhos que o Espírito indica, diálogo aberto com todo o género humano. Muito mais num tempo como o nosso no qual inteiras massas se deslocam de um Continente para outro, levando consigo o seu estilo de vida e a própria fé. No diálogo e na colaboração activa com as confissões cristãs com as quais convivemos. No dialogo aberto com uma sociedade que não tem a coragem de crer, mas que sente fortemente a necessidade de espiritualidade...

Não podemos limitar-nos a lançar as nossas mensagens para o tranquilizador depósito do costume católico. O próprio P. Alberione no-lo recorda: *“O pensamento, o sentimento e a aspiração de um verdadeiro Paulista reflectem a sobrenaturalidade, a “super-temporalidade”: não ao restrito âmbito familiar, diocesano, ou ao terreno onde a Hierarquia eclesiástica está implantada, ou aos já conquistados para Cristo. Mais em frente! Cada vez mais em frente!”* (CISP, 1073).

“Para que todos sejam um, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti. E para que também eles estejam em Nós, a fim de que o mundo acredite que Tu Me enviaste” (Jo 17,21).

4. EM FIDELIDADE DINÂMICA À NOSSA CONSAGRAÇÃO SEGUNDO O CARISMA PAULISTA

Uma fidelidade criativa ao carisma que Deus nos confiou através do nosso Fundador.

Eis o que a Humanidade, Deus e a Igreja pedem hoje a cada um de nós.

Para redescobrirmos a nossa identidade de consagrados, os valores em que assenta a nossa vida.

Para compreendermos plenamente a grandeza, a urgência, a força profética da nossa missão.

Para atentarmos no grande dom de sermos Paulistas na complementaridade, no dom recíproco do Sacerdócio e do Discipulado.

Para valorizarmos mais ainda o facto de sermos Família Paulista.

CONSAGRADOS

4.1 Todos os homens são chamados

Chamados à vida. Todo o tipo de vocação que o homem recebe de Deus está rodeada de mistério. A verdade é que a vocação é sempre ditada pelo seu amor por nós. A cada um dos homens nascidos na terra e a todos os que viverão nos séculos futuros, Deus pode repetir: “Antes de te formar no seio de tua mãe, Eu te conheci” (*Jr 1,5*). Ninguém pode arrogar algum mérito diante de Deus para vir ao mundo: só um acto do seu infinito amor chamou cada homem e mulher à vida, de um modo todo especial. Por mais que nos interroguemos ou possamos investigar, nunca encontraremos uma explicação humanamente plausível para a nossa presença sobre a terra: bilhões de homens teriam podido nascer em vez de nós. A nossa vida não é, todavia, o resultado casual de uma reacção química. Deus Pai quis mesmo cada um de nós, pessoalmente.

Chamados à vida cristã e à santidade. Igualmente misterioso é o dom da vida cristã, oferecido pelo Pai a uma parte do género humano. Jesus Cristo veio a esta terra para a salvação de toda a Humanidade, mas só uma pequena parte o veio a conhecer: pode conhecê-lo por pura graça, não por méritos pessoais adquiridos. Lembra-nos São Paulo: “Aqueles que Deus antecipadamente conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho...” (*Rm 8,29*). É uma resposta de perfeição a que o Pai espera dos cristãos, qualquer que seja o estado de vida abraçado. Diz ainda São Paulo: “Como escolhidos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência... revesti-vos com o amor que é o laço da perfeição (*Cl 3,12*). Cada cristão, fazendo frutificar os dons recebidos e no pleno cumprimento dos seus deveres quotidianos, deve avançar pelo caminho da fé viva, fé que suscita a esperança e opera por meio da caridade... Todos os fiéis de Cristo são chamados e obrigados a tender à santidade e perfeição do próprio estado (*LG, 41-42*).

Chamados a uma particular sequela de Cristo e a um específico contributo para a construção do Reino. Do número dos chamados à vida cristã, o Mestre Divino convida muitos dos seus discípulos a uma sequela muito especial: alguns são chamados a segui-l’O no ministério sacerdotal, para renovarem quotidianamente os sagrados mistérios em benefício de todo o povo de Deus; outros, (Sacerdotes e Leigos) são convidados por Ele a segui-l’O no caminho dos conselhos evangélicos. Ao passo que a vocação à vida matrimonial, sinal do amor de Deus pela sua Igreja, assegura o cumprimento do mandamento divino para a continuação da espécie (*Gn 1,28*), a vocação ao Sacerdócio perpetua os meios de graça necessários aos fiéis para a fidelidade à vocação cristã.

A prática dos conselhos evangélicos, abraçada por impulso do Espírito Santo, leva ao mundo um testemunho luminoso e um exemplo da santidade da Igreja (*LG 39*). Todos os cristãos são obrigados, por força do Baptismo, a propagar a mensagem de Cristo: os Religiosos, unidos de modo especial à Igreja pelos conselhos evangélicos, são chamados a trabalhar na primeira linha, segundo as forças e a forma de apostolado da sua Instituição, quer com a oração quer com a acção, na implantação e consolidação do Reino de Cristo nas almas e a levá-lo a todos os lugares da Terra (*LG 44*).

O Paulista é, antes de mais, um *chamado*. Da firmeza desta convicção dependem muito: o progresso integral da pessoa, a sua entrega, a sua alegria existencial, a sua criatividade apostólica e a sua coerência. Também a opção – Sacerdote ou Discípulo – na Vida Religiosa é, antes de mais, a resposta a uma vocação.

4.2 Teologia da consagração

Colocação. – O quadro de referência que permite situar adequadamente o tema da *consagração*, sobretudo da *consagração religiosa*, é a *sequela Christi*: a sequela evangélica de Jesus. Cristo chama pessoalmente a viver com Ele e com os outros seus sequazes (vida fraterna em comunidade), para viver como Ele partilhando e prolongando a sua missão evangelizadora (*Ef* 1,-3-14).

A palavra consagração. – Exprime quer a acção de *consagrar* quer a de *ser consagrado*. “Consagrar”, em sentido teológico, é fundamentalmente o mesmo que “santificar”, “divinizar”, “sacralizar”, “sacrificar”. São todos termos que implicam pôr em relação ou relacionar-se directamente com Deus, introduzir ou ser introduzido na esfera do Sagrado, do Divino.

Significado jurídico e teologal. – Em sentido *jurídico*, com o termo *consagração* entende-se qualquer tipo de relacionamento com Deus ou de referência a Ele, aplicável indistintamente a coisas, lugares ou pessoas. É uma dedicação ao culto e ao serviço de Deus, mais do que uma entrega ao próprio Deus. A “consagração” em sentido *teologal*, pelo contrário, implica e é uma relação estreitamente pessoal com Deus. É uma referência directa e imediata a Ele, aplicável apenas à pessoa. É uma transformação real da pessoa, uma configuração verdadeira a Cristo, uma santificação.

Cristo, o Consagrado. – Cristo é, por definição, o *Ungido, o Consagrado, o Messias*: “Aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo” (*Jo* 10,36). N’Ele se realiza com todo o rigor o conceito mais estritamente teológico de *consagração*, porque é Deus feito homem, isto é, o sagrado absoluto que assume a natureza humana para introduzi-la no seu âmbito divino.

Consagração baptismal. – Deus, por meio do Baptismo, torna-nos filhos seus no Filho, e torna-nos, n’Ele, irmãos de todos os homens. Isto é, *consagra-nos* realmente, configurando-nos com o Consagrado na sua filiação divina e na sua fraternidade universal. Toda a nossa vida cristã é e deve ser um processo ininterrupto de crescimento nesta dupla condição *filial* e *fraterna*. Esta consagração constitui e define a identidade e a missão própria e irrenunciável do cristão no mundo.

Consagração Religiosa. – A Consagração Religiosa é *graça*. Por isso é *acção divina* transformadora do homem no seu ser e no seu agir. Mediante a Consagração Religiosa, Deus configura o cristão com o próprio Jesus Cristo nas dimensões essenciais do seu projecto humano de vida: a *virgindade*, a *pobreza* e a *obediência*. Com efeito, os chamados *conselhos evangélicos* não foram simples “exemplos edificantes” ou virtudes de Jesus, mas as suas atitudes vitais e totais: Ele viveu em virgindade-pobreza-obediência como expressão de amor total e plena doação de Si mesmo ao Pai e aos irmãos. A Vida Religiosa, enquanto profissão por meio dos votos públicos, é uma verdadeira consagração: Deus, mediante esta profissão, confere ao cristão uma consagração nova e especial, configurando-o a Jesus nestas três dimensões essenciais da sua vida. Trata-se de uma consagração que afunda as suas raízes na consagração baptismal e a leva à plenitude. Mediante a profissão Religiosa, a pessoa, toda inteira, é consagrada, oferecida a Deus, por Ele possuída e santificada. A trilogia dos conselhos evangélicos quer exprimir precisamente a totalidade da pessoa humana.

O Paulista consagrado. – É o próprio P. Alberione que explica por que quis uma Congregação de *Religiosos* e não somente uma Organização católica. Os motivos estão expressos em AD 23-24:

- Levar as almas dos Membros à mais alta perfeição (mediante os conselhos evangélicos e o apostolado);
- Doação total;
- Doutrina pura;
- O amor integral a Deus com toda a mente, forças e coração.

Embora pareça prevalecerem razões “instrumentais” em perspectiva apostólica, na realidade são evidentes as motivações mais profundas: o caminho é a *sequela Christi* e a plena configuração a Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida na oferta integral de toda a pessoa (mente, vontade, coração).

4.3 Finalidades primárias: santidade e evangelização

Tendo bem clara na mente a finalidade do seu ser e agir, as primeiras gerações de Paulistas viviam a sua consagração com entusiasmo. “Nós, desde os primeiros dias, compreendemos as suas intenções, para as quais nos queria conduzir... O Fundador queria criar uma Congregação Religiosa que multiplicasse com os novos meios a obra pastoral dos Sacerdotes, dos Párocos, dos Bispos” (*Quaderni di spiritualità*, n. 4, 1981, p. 14). “Já não nos pertencíamos, sentíamos-nos de Deus, ligados a Ele e para a Boa Imprensa. A nossa vida era e sentia-se que era uma só. Nós uns com os outros; nós com o Padre, unidos, consolidados, não alunos de uma escola mas membros de um só organismo, as primeiras pedras vivas edificadas de um edifício majestoso” (*Estratto dal Diario del Signore Maestro don Timoteo Giaccardo*, p. 17). Conhecer bem o significado e o valor do próprio ser e agir reforça a fidelidade e assegura a perseverança em qualquer tarefa.

Nas *Constituições e Directório* (art. 2) são estas as nossas finalidades:

1. “a perfeição da caridade nos seus Membros”, o que equivale à santidade entendida também como viver plenamente Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida.
2. “a evangelização dos homens mediante o apostolado com os instrumentos da comunicação social”.

Estas finalidades podem conseguir-se “mediante o espírito e a prática dos votos de castidade, pobreza e obediência e fidelidade ao Papa, na vida comum”. O Paulista encontra o significado do seu ser e agir nestes dois alicerces principais da sua vida. São estes os faróis acesos no caminho para o futuro, sem os quais se viajaria na escuridão.

Para o Paulista, **a santidade resta a preocupação primária da vida**. Nela o seu estar e agir encontram harmonia e unidade. O Paulista interpreta a santidade como fazer viver Cristo nele, dando o próprio ser a Cristo como resposta de amor a Deus que o amou primeiro.

A evangelização dos homens mediante o apostolado com os instrumentos da comunicação social, sendo a missão a ele confiada, o seu apostolado, é o modo no qual o Paulista responde ao amor de Deus e exprime o seu amor ao próximo.

Vivendo plenamente estas finalidades primárias, o Paulista assume a sua personalidade carismática e a qualificação de apóstolo. Nele, o ser e o agir tornam-se experiência única de relação íntima com o Mestre, de modo a poder dizer: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (*Gl 2,20*).

À luz destas finalidades podem ler-se mais claramente a identidade e a dupla expressão do Paulista. Todos, Sacerdotes e Discípulos, são chamados por Deus à mesma meta.

4.4 Carácter profético dos Votos religiosos

Os Religiosos paulistas distinguem-se, para além do Voto de fidelidade ao Romano Pontífice, também porque vivem os três votos de castidade, pobreza e obediência numa forma altamente positiva. Deste modo, olhando bem, através da realidade do carisma paulista, os votos revestem-se de um carácter profético para a Igreja.

Examinemo-los um por um:

Castidade. – Também a castidade, como toda a vida paulista, requer a *integralidade* do amor, isto é, o fruto de uma educação e de uma formação que tenha levado a pessoa e a comunidade ao desenvolvimento de toda a riqueza pessoal: “Todos os valores do nosso corpo e do nosso espírito, as relações pessoais com todos os homens” (cfr. *Const.* 26). Deste modo, entra no voto de castidade o que as *Constituições* dizem no cap. 3 sobre *Comunidade de vida*, ajudando-nos a pensar no testemunho “agápico” do amor fraterno recíproco que está na base da relação Sacerdote-Discípulo e no exercício da função de “altrice” da Sociedade de São Paulo em relação a toda a Família Paulista. Aos aspectos comuns juntam-se depois a “extraordinária fecundidade e paternidade apostólica” que comprometem todas as nossas energias na sequência da dupla “tríade de referência” (a *Trindade* e a *Família de Nazaré*); e ainda a não acentuação dos aspectos de necessária “renúncia” e o explícito “testemunho de alegria e de serenidade” que tem a sua forte motivação totalizante na consciência do “tesouro descoberto” (*Mt* 13,44 e *Const.* 32).

Pobreza. – Com a piedade, o estudo e o apostolado, esta virtude é um dos pilares da vida paulista, ou melhor, uma das “rodas” sobre as quais se movimenta a bagagem que o Paulista transmite ao homem de hoje. Ela significa confiança total e criativa em Deus e na Congregação. Dedicção plena e diligente. O “fruto do trabalho” do Paulista é imediatamente oferecido a Deus como testemunho da inutilidade-preciosa do verdadeiro servo de Deus. Ao “fruto do trabalho” une-se a vontade pessoal, “sacrificada” no altar do trabalho apostólico comunitário a favor do povo de Deus. A valorização do tempo, a concentração, o esforço criativo, uma vida humilde... são tudo aspectos que se tornam oração no “Segredo de êxito”.

Obediência. – Feita a Deus, aos Superiores, aos Pastores da Igreja, compromete toda a Congregação à procura da vontade de Deus quanto à Comunidade (*Const.* 43). Comporta uma atitude de escuta constante do Espírito e dos próprios irmãos que são a voz d’Ele. Referindo-se explicitamente à actividade apostólica, compromete-se a evitar a submissão passiva, ou pior ainda, o servilismo e o desinteresse. Pelo contrário, pede ao indivíduo que “coloque todo o seu ser” naquilo que faz, porque servir a Deus significa reinar (*Const.* 41). Obedecer significa, para o Paulista, “colaborar”, “dialogar comunitariamente”, dar a sua colaboração consoante as suas reais capacidades e competências (“obediência activa e responsável”), mas também aceitar com alegria as decisões tomadas.

Cada voto tem um papel especial no testemunho hodierno, contrapondo às várias “modas” mundanas: um amor maior e definitivo, uma liberdade bem correspondida e generosa, uma riqueza total capaz de se “fazer tudo para todos”.

O P. Alberione ensina: “*Com a juventude paulista insista-se na educação integral: natural e sobrenatural, mente – vontade – coração – corpo, para a vida presente e para a vida paulista futura; aquisição da docilidade e, ao mesmo tempo, governo de si próprio; por um amor universal, ser casto; por riquezas inefáveis, ser pobre; para guiar homens, ser obediente. A castidade religiosa é o verdadeiro amor, a pobreza é a verdadeira riqueza, a obediência (é) para viver a verdadeira liberdade*” (CISP, p. 762).

4.5 Vida fraterna em comunidade

“Para nós, a vida comum nasceu do apostolado e em vista do apostolado. Este tipo de sociedade finalizada para um objectivo abrange certamente o bem dos Membros; mas, ao mesmo tempo, a própria observância da vida comunitária tem uma organização que tem isto em conta: estamos ao serviço das almas; Religiosos, Apóstolos” (*UPS I*, 285).

A visão da vida comum em vista do apostolado, tal como nos foi transmitida pelo Fundador no texto citado, é enriquecida pela eclesiologia de comunhão nascida com o Concílio, presente, também ela, em muitos outros documentos do P. Alberione. O documento *Vita consecrata* ensina: “Na vida de comunidade deve constar, de modo tangível, que a comunhão fraterna, antes de ser instrumento para uma determinada missão, é espaço teológico no qual se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado” (cfr. n. 42). E o documento *Vita fraterna in comunità diz*: “O amor de Cristo reuniu... um grande número de discípulos, para que, como Ele e graças a Ele, no Espírito, pudessem corresponder ao amor do Pai, amando-O com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças, e amando o próximo como a si mesmos. De entre estes discípulos, os que estão reunidos nas comunidades religiosas, há mulheres e homens de todas as Nações, raças, povos e línguas, nasceram e são ainda uma expressão particularmente eloquente deste Amor sublime e ilimitado. Nascidas ‘não da vontade da carne ou do sangue’, não de simpatias pessoais ou de motivos humanos, mas ‘de Deus’ (*Jo 1,13*), de uma vocação divina e de uma atracção divina, as comunidades religiosas são um sinal vivo do primado do Amor de Deus que opera as suas maravilhas, e do amor para com Deus e os irmãos, como foi manifestado e vivido por Jesus Cristo” (cfr. n. 1). O testemunho do Amor de Deus é a primeira razão da vida comum para todos os Religiosos, testemunho esse que precisa de manifestar-se no exercício do apostolado.

Destas premissas resulta que a vida comum paulista deve caracterizar-se pelo empenho no apostolado comunitário, na colaboração fraterna, na amizade, na disponibilidade em ajudar-se mutuamente, na atenção constante pelo irmão (*Const.* 15). Estas disposições são a base para que se possa operar frutuamente e valorizar ao máximo os instrumentos próprios de uma comunidade paulista: Missa quotidiana, Visita eucarística, partilha das refeições, tempos de programação do apostolado e para o crescimento pessoal e comunitário, tempo que cada um dedica à sua tarefa no apostolado, tempo para dedicar à actualização cultural e espiritual, momentos de revisão e momentos de lazer..., no decurso do ano os Retiros e os Exercícios Espirituais.

Estes momentos, vividos intensamente, devem ser uma característica constante de todas as comunidades, independentemente da geografia, da história e da cultura. São elementos de vida que nunca podem faltar e, ao invés, devem inculturar-se nas várias regiões, para uma melhor realização do carisma. Todas as comunidades devem ter um estilo de vida que as una, mais que o próprio símbolo gráfico que reproduzimos nos nossos produtos apostólicos.

Outros dois elementos, nas nossas comunidades, devem fazer realçar a riqueza e a unidade da vocação numa dupla expressão:

- uma confiança quotidiana e concreta e a estima recíproca,
- o empenho constante de cada comunidade na promoção vocacional.

“A Vida Consagrada em sentido religioso depende da natureza de sociedade, quer se chame Congregação, Instituto, Família Religiosa: trata-se sempre de pessoas que querem ajudar-se a alcançar a santidade (...) Existe, por isso, um empenho e emulação no progresso espiritual. Uma vida comum que se evidencia na assistência à velhice, na doença, na morte, nos sufrágios. É um organismo, não um mecanismo; mas a pessoa serve para o tudo, e o tudo serve a cada um”. (UPS I, p. 284).

ENVIADOS

4.6 Homens de comunhão

“Criando o ser humano à sua imagem e semelhança, Deus criou-o para a comunhão. O Deus Criador que se revelou como Amor, Trindade, comunhão, chamou o homem a entrar em relacionamento íntimo com Ele e para a comunhão interpessoal, ou seja, para a fraternidade universal. É esta a mais alta vocação do homem: entrar em comunhão com Deus e com os outros homens seus irmãos” (VFC 9).

O homem tem uma vocação comunitária, por sua própria natureza é um ser social: sem entrar em relação com os outros não pode viver nem desenvolver as suas qualidades (GS 12d). João Paulo II, na Carta apostólica *Novo millennio ineunte* (n. 43), aplica a esta realidade a nível eclesiológico, apelando à Igreja para que se torne casa e escola de comunhão, para ser fiel ao desígnio de Deus e responde às esperanças profundas do mundo.

A Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, em 1985, baseando-se na doutrina do Vaticano II, considerou que a eclesiologia de comunhão é o fundamento determinante da Igreja e de uma correcta relação entre unidade e pluriformidade nela (IL 66).

A imagem paulina da Igreja como corpo (Rm 12,4-5); 1Cor 12,12ss; Ef 4,4) indica a simultânea unidade e diversidade dos seus membros. *A Igreja é uma comunhão, fundada nos sacramentos, nos ministérios e nos carismas*: os dons do Espírito são variados, e portanto diversificados os ministérios e as funções dos membros da Igreja, mas todos unificados pela acção do único Espírito (IL 67). A caridade constitui o princípio fundamental determinante de genuína novidade na vida da Igreja e de iniciativa operosa própria de todo o carisma autêntico (IL 67).

A eclesiologia de comunhão é a ideia central e fundamental dos documentos do Concílio. Permite compreender a presença e a missão da Vida Consagrada no interior da comunhão orgânica da Igreja, que não é uniformidade, mas dom do Espírito, que passa também através da variedade dos carismas e dos estados de vida. Estes serão tanto mais úteis à Igreja e à sua missão, quanto maior for o respeito pela sua identidade (VC 4).

As Congregações não podem comportar-se como se existissem isoladamente. A sua missão requer que considerem as necessidades da Igreja universal e da Diocese onde se encontram inseridas. Devem além disso solidarizar-se umas com as outras, pôr-se de acordo, decidir conjuntamente e por vezes agrupar-se, unir-se.

Acerca deste espírito de comunhão, assim escreve o P. Alberione no *Catechismo sociale* (n. 30): “O homem tem o direito de entrar em sociedade porque Deus criou o homem sociável, necessitado da ajuda dos outros, e deu-lhe a orientação para integrar, na sociedade, a sua insuficiência para alcançar a sua perfeição”.

O Fundador considera “a sociabilidade uma qualidade essencial para quem quiser entrar numa sociedade, e tanto mais numa sociedade religiosa. Ela constitui um sinal positivo de vocação, como a falta de sociabilidade constitui um impedimento fundamental e um indício claro de falta de vocação”.

*A sociabilidade para o Paulista exige:
respeito pela vida comum, na Família Religiosa:
para com os irmãos, os Superiores, os súbditos;
respeito pelas outras Famílias Religiosas;
respeito pelas outras Congregações paulistas;
respeito pelos outros fiéis, individualmente ou unidos em colectividades;
respeito pelos concidadãos, súbditos e Governantes;
respeito por toda a família humana;
respeito pela Igreja inteira: militante, purgante, triunfante” (CISP, p. 1063).*

A sociabilidade é um elemento constitutivo da identidade do Paulista: para ser “homem de comunicação”, o Paulista deverá ser “homem de comunhão. Os conflitos, a todos os níveis, têm por causa a falta de comunhão; surgem por imaturidade nesta dimensão essencial na vida da Congregação e da Igreja.

Nas revisões e avaliações das várias etapas formativas, é preciso que se dê o devido peso ao grau de sociabilidade dos candidatos.

4.7 Abertos ao mundo da comunicação

A comunicação foi, quer no momento da fundação, quer na evolução sucessiva, o elemento característico da ânsia apostólica do P. Alberione. No começo, as forças convergem para o *apostolado da imprensa*, depois mudado para *apostolado das edições*, onde foram incorporados progressivamente o cinema, a rádio, os discos, a televisão; finalmente, sob o influxo do Vaticano II, o P. Alberione fala de *apostolado dos meios de comunicação social*. A mudança de termos para indicar o apostolado paulista exprime o estilo do P. Alberione: “*Sempre os meios mais rápidos e eficazes para o apostolado*”.

A comunicação, entendida como invenção e aperfeiçoamento de tecnologias, como variedade de linguagens e como fenómeno social complexo, sofreu uma grande evolução nos últimos dois séculos: da comunicação considerada a nível de *instrumentos singulares* para comunicar, passámos para a comunicação entendida na sua globalidade como uma *cultura* inédita. Estamos a chegar rapidamente a modelos e meios de comunicação que podem ser contemporaneamente de massa e personalizáveis (transmissões por satélite ou por cabo, comunicações personalizadas pela Internet), que podem fazer da humanidade uma “aldeia global” ou reduzi-la a um conjunto incolor de anonimatos. A “dot communication” (a comunicação por meio da Internet) está em rápida difusão, com códigos linguísticos e mecanismos económicos próprios, que requerem uma actualização das formas expressivas e das estruturas operativas.

Uma nova Humanidade está crescendo hoje com os média. Se queremos comunicar com as pessoas de hoje, temos de aprender a linguagem dos média de hoje (imagens, sons, movimento, realidade virtual, interactividade); através deles as novas gerações são educadas e comunicam. Se não aprendermos as novas linguagens, falaremos aos homens de amanhã com a linguagem de ontem. É um perigoso engano, escreve o P. Alberione, “*esperar por interessar-se pela imprensa, cinema, rádio, televisão quando já estão organizados pelos adversários. É necessário o método preventivo...*” (CISP, 806).

Considerando as realidades e a complexidade do mundo da comunicação, exige-se da Congregação uma mobilização global para uma “fidelidade criativa” em todos os aspectos da vida e da missão: espiritualidade, formação, apostolado, vida comum e autoridade.

Já que a comunicação, por vontade explícita e repetida do P. Alberione, não é um simples meio mas uma *forma nova* de pregação do Cristo integral, é necessário que na formação de base, especializada e permanente, a própria comunicação seja assimilada pelos Paulistas na sua complexidade: tecnologia, linguagens, profissão, cultura.

Se a Congregação quer também ter na Igreja um papel de pioneira da comunicação ao serviço da evangelização, é necessário promover iniciativas que levem a “pensar” a comunicação como cultura e a inculturação da fé na comunicação: “*As mudanças radicais da comunicação não podem deixar indiferentes os Paulistas, quer nas suas actividades apostólicas, quer na espiritualidade, que reveste de sobrenaturalidade a sua missão. A fidelidade criativa não se esgota em considerar o computador uma “nova máquina” comunicativa, para usar querendo melhorar o apostolado. O computador é só a ponta emergente do icebergue da tecnologia-comunicação como cultura*” (GMIOS, p. 564).

Devemos, portanto, falar de **apostolado da comunicação social** entendendo a comunicação na sua acepção mais vasta, que abrange a tecnologia, cada vez mais aperfeiçoada, miniaturizada, invasiva e inevitável, mas que se configura como uma verdadeira e própria cultura. Isto leva-nos inevitavelmente a ampliar a **mentalidade** para abraçarmos e inserir-nos sem temor na **cultura da comunicação**. Assim seremos fiéis ao mandato da Igreja que nos mandou “praticar a caridade da verdade” (*VII Capítulo Geral da Sociedade de São Paulo, 2M*).

4.8 Conteúdos e destinatários da missão

A especificidade da nossa missão, que faz parte da nossa identidade e do nosso testemunho, concretiza-se não somente na escolha dos meios que colocamos ao serviço da evangelização, mas também na escolha dos conteúdos e dos destinatários. Um ponto firme e iluminante, a este respeito, é constituído pelas conclusões do Seminário Internacional dos Editores Paulistas (Ariccia-Milão, 17 de Setembro-2 de Outubro de 1988).

Colocando como alicerce a pastoralidade, a globalidade e a contemporaneidade que devem caracterizar o agir paulista, a *escolha dos conteúdos* compreende, em primeiro lugar, a Sagrada Escritura (toda para todos), a catequese, a liturgia, a teologia e, em geral, “tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, louvável... (Fl 4,8). Será preciso, no entanto, tratar sempre tudo o que contribui para a plena libertação da pessoa humana, para a promoção integral dos valores humanos, para a fraternidade universal e para o diálogo inter-religioso com as várias culturas.

No que diz respeito aos *destinatários* do nosso apostolado, estes serão sempre todas as categorias sociais, com preferência especial pelas grandes massas, sem descurar os que estão longe, os pobres, os excluídos; ao mesmo tempo, devemos realizar o sonho e as indicações do Fundador, que nos incitava a ganhar os intelectuais e as pessoas líderes nos vários âmbitos da sociedade e da cultura. Devemos pensar em todos. Com as palavras do P. Alberione: “*Amemos a todos, pensemos em todos, trabalhemos com o espírito do Evangelho que é universalidade e misericórdia. Vinde a mim todos*” (UPS IV, 117-118). Este “pensar em todos” exige, porém, uma clara consciência das várias categorias de pessoas às quais nos dirigimos. O Fundador nunca caiu num universalismo sem distinções. As provas da sua preocupação para que na nossa “grande paróquia, o mundo”, tivéssemos uma consciência exacta das diversas categorias de destinatários, são abundantíssimas. Eis um exemplo: “*Haja uma certa ordem nas Edições: em primeiro lugar, para servir o Clero, as crianças, os jovens, as massas e os que exercem maior influência sobre as massas, como os professores; depois, as missões, as questões sociais, os intelectuais etc.* (AD 69). Nos últimos tempos aumentou o número das categorias sociais que se podem dizer novas, tal como o número de esquecidos e até excluídos. Devemos pensar em todos.

A amplitude da nossa missão pede-nos um espírito aberto e uma preparação consistente, juntamente com uma grande capacidade criativa.
--

Numa meditação pregada às primeiras Anunciatinas, o P. Alberione assim as convidava à criatividade apostólica: “*A Família Paulista aceita todas as actividades pastorais, louva-as a todas, encoraja-as, sustenta-as. Onde quer que se possa fazer o bem, todas as iniciativas que têm a aprovação da Igreja e que servem para a salvação das almas, tudo o que é bom, nada fica excluído. Pelo contrário, é óptimo inventar novas iniciativas, enquanto se inventam tantos males novos e tantas desordens*” (MCS 483).

4.9 O nosso apostolado é pregação. Atenção às “linguagens”

A pregação (anúncio, evangelização) faz-se antes de mais com a vida, com o exemplo. Mas o amor que o P. Alberione nutre por todos os povos do mundo leva-o, impelido pelo Espírito, a alargar os horizontes e a utilizar os meios que mais lhe permitem realizar o mandato de Cristo: levar a boa nova a cada homem.

«Por “apostolado das edições” ... entende-se uma verdadeira missão que propriamente se possa definir: “pregação da divina Palavra por meio da edição”. “Pregação da Palavra divina”, isto é, anúncio, evangelização da Boa Nova, da verdade que salva. Pregação que se faça em todo o tempo e em todo o lugar, segundo o preceito divino: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a todas as criaturas” (Mc 16,15)) ... Mas pregação original, feita através da edição. Com a pregação oral, também a escrita ou impressa divulga a Palavra de Deus, multiplicando-a, para fazê-la chegar a todo o lado, mesmo aonde não pode chegar, ou aonde a Palavra não pode chegar inalterada» (AE 12-13).

Estas palavras do P. Alberione, sancionadas depois pelo Concílio Vaticano II, fornecem-nos a chave de leitura da sua obra apostólica, que por vezes é indicada como “a caridade da verdade”: uma caridade operosa que se traduz em palavras escritas, impressas, ilustradas, para chegar eficazmente ao maior número de pessoas. O anúncio evangélico não deve recluir os meios, e sim utilizá-los ao máximo para o crescimento humano e espiritual das pessoas.

A intuição do P. Alberione, que nos deve levar a uma avaliação e a entusiasmar-nos acerca do futuro, não foi só a de “sair das sacristias”, mas de utilizar também os meios vistos na altura com desconfiança pela Igreja oficial. Essa intuição, essa busca deve continuar ainda hoje com a única finalidade de levar a todos, no modo mais eficaz e completo, a Palavra que salva, uma pregação que é esperança para o homem do nosso tempo.

A paróquia-mundo (ou a *paróquia do Papa*, como dizia o P. Alberione), espera dos novos púlpitos este anúncio, o qual, para ser compreensível, deve utilizar a linguagem da era da comunicação em que vivemos. Uma linguagem sempre nova e em contínua evolução, como são sempre novos e em evolução os meios que a veiculam. Porventura devemos reflectir se são os meios que irão “criar” novos códigos de comunicação, ou se, vice-versa, é o desejo de comunicar, inato no homem, que “inventa” novos meios para difundir e alargar o próprio pensamento.

A linguagem de per si precisa de um conteúdo, senão resta apenas um exercício técnico. Eis porque o P. Alberione esquematiza, de maneira precisa e com ordem rigoroso, também o conteúdo da pregação paulista, partindo sempre da Bíblia, do Magistério e da Tradição, até abranger todos os elementos úteis ao crescimento humano e espiritual do homem, visto na sua integralidade. *«E porque as almas não se aproximam de Deus todas do mesmo modo, e têm necessidades individuais, o apóstolo deve aprender do seu modelo a arte de se “fazer tudo para todos” e aquela elasticidade de adaptação como se vê no Apóstolo, na seu modo variado de tratar os homens segundo as condições físicas, intelectuais, morais, religiosas e civis» (AE 37).* O Cristo total, o homem total, a todos os homens.

4.10 O Paulista “escritor”

O Paulista “escritor” (entendido no sentido amplo de autor, elaborador de conteúdos, e portanto também redactor, criador...) identifica-se como *pessoa que, por disposição natural, competência profissional, vocação, carisma e valorização por parte da Congregação* tira do seu tesouro coisas antigas e coisas novas de utilidade comum – porque nada nos foi dado só para nós próprios – sabendo que ele próprio é uma palavra ainda não acabada de dizer. O primeiro livro e o primeiro artigo que ele coloca à disposição é a sua humanidade: “o homem todo”.

Enquanto Paulista (Sacerdote-Discípulo), ele vive, testemunha e escreve – segundo a idoneidade, opções e competências – para todas as categorias de pessoas, sobre todos os problemas, todos os acontecimentos: realidades que ele considera à luz de Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida, penetrando com o Evangelho todo o pensamento e saber humano, não tratando só de religião, mas de tudo, cristãmente. “Todos” e “tudo” são termos que não devem ser entendidos de forma massiva, mas personalizada: todos e tudo estão abrangidos, mas cada pessoa ou outra realidade são-no de modo original e único (Paulo VI, EN 45).

O Paulista “escritor” forma-se no espírito universalista e ecuménico de São Paulo, numa óptica que inclui não só todos os que estão à sua volta, mas também os estranhos e os afastados no sentido mais urgente e amplo, pondo-se o “grande problema”: onde caminha, como caminha, para que meta caminha esta Humanidade que se renova sempre sobre a face da Terra”. Portanto, embora alguns tenham procurado entender e diluir “todos” e “tudo” num inqualificável “tuttismo”, o Paulista escritor “vê” na realidade todos e tudo com os olhos – mas sobretudo com a mente e o coração - de Deus, o qual ama de forma “a-temporal” e “a-espacial” - mas sempre de modo pessoal – a ti e mim juntamente com os outros.

O Paulista “escritor” exerce o seu trabalho apostólico na organização editorial paulista. “Ser Paulista não nos faz necessariamente bons escritores”, escrevia o P. Valentino Gambi. “Desejo de todo o coração que, um dia, uma aguerrida legião de escritores paulistas possa escrever e portanto trazer para as nossas edições mais livros e, sobretudo, mais qualificados do que acontece agora (cfr. Boletim interno do Colégio Internacional Paulista, *Noi e gli altri*, pp. 9-10).

O que sustenta a *fadiga* do Paulista “escritor” é a imponderável urgência e “fome das almas”. O Paulista “escritor” esforça-se por oferecer uma possibilidade a mais às almas que querem saciar-se de Jesus Cristo Mestre Caminho, Verdade e Vida, e do Evangelho, não só o que é impresso, obviamente, mas que incarnou e no vivido e no escrito: “Se Jesus Cristo é a única e plena salvação, é preciso procurá-la só n’Ele. Grande parte do mundo hoje escasseia de pão material. Muito mais falta o pão espiritual que Jesus nos trouxe do Céu e que é Ele mesmo: ‘Eu sou o pão da vida’” (Alberione, *Pensamentos*, Roma 1972, p. 40).

Sendo a evangelização com os meios de comunicação social o campo do seu apostolado, é natural que o Paulista assuma a fisionomia de um comunicador de massas. Como “escritor”, o Paulista precisa de conhecer os conteúdos da mensagem evangélica, de elaborá-los para que possa comunicá-los. Os destinatários variam dos mais eruditos às pessoas simples, há ricos e pobres, de diversas nacionalidades e línguas, de diversas nacionalidades e línguas, de diversas culturas e condições sociais etc.

Para isso, o Paulista necessita de estar informado e ser instruído, sem cair na superficialidade, senão como especialista, pelo menos em todos os campos do conhecimento humano. Requer-se que tenha vasta cultura. Não é necessário, mas não lhe é impedido, que o Paulista seja perito num campo, mas é necessário que saiba tratar todos os possíveis temas que interessam aos seus destinatários.

A elaboração requerida consiste, antes de mais, em observar, julgar e avaliar os temas à luz do Evangelho e em saber comunicar estes mesmos temas para que possam compreendê-los e aplicá-los à própria vida.

A verdadeira evangelização, para o Paulista, é fazer com que Jesus Cristo viva entre os seus destinatários, isto é, fazer passar o modo de pensar, julgar e amar do que é do “homem velho” nascido no pecado, para o do “homem novo” nascido em Cristo.

Para uma reflexão mais ampla, cfr. Apêndices n.º 7.

4.11 “Profetismo” paulista

O Paulista, enquanto batizado e em virtude da sua consagração religiosa (LG 44), possui e deve viver uma dimensão profética.

O profeta é um homem **marcado por uma experiência** forte e única de Deus. Leva uma vida que o “marca” de maneira simbólica, para além de visível, como que concentrado em Deus, por Ele arrebatado e à sua total disposição (Jr 1,4-10). É um **homem do Espírito**: o Espírito Santo concede ao seu coração a caridade, que o guia e o espreveita, e o conduz para os homens (Is 61, 1-3). É **homem da Palavra**, uma Palavra que nele se torna eficaz, viva, incarnada, livre (Ez 3,1-10). **Homem à escuta** de todos os sinais dos tempos, que interpreta evangelicamente (Mq 3,1-12). Possui o **sentido histórico**: é capaz de inserção nos acontecimentos históricos, sabe ler as contradições do coração humano e antecipar, com intuição, os percursos fecundos dos acontecimentos e das esperanças humanas (Os 1,2-8). A sua vida é uma **vida para os outros**.

Na nossa sociedade pós-industrial, o homem tem sede de valores, de esperança, de caridade visível, deseja ser amparado, aceite por aquilo que é, não por aquilo que tem... Nós, Paulistas, com espírito profético, devemos aprender a perceber estes pedidos e **projectar** modos novos para **anunciar** a “boa nova” e **iluminar** assim as opções e a vida dos nossos contemporâneos. Sem faltar ao compromisso de **denunciar** com coragem as escravidões modernas (indiferença, solidão, anonimato, emulação...), para **corrigir** com caridade mas com clareza. Devemos ser como aquele semeador que prepara a terra com fadiga, se separa da semente que deixa morrer no campo e espera pacientemente que a nova planta nasça e produza novo fruto. É a capacidade de plantar uma ideia, uma proposta, um valor; de começar uma evolução; de manter viva a esperança; de saber ter paciência quando e quanto for preciso... **E porventura não ver os frutos...**

Diante da penúria de vocações, podemos ser profetas mesmo no interior das nossas comunidades e... **semear**. Sem pretender resultados imediatos. Mas com a certeza de que não estamos a trabalhar para nós, mas estamos a trabalhar no campo de Deus.

E não podemos deixar de lado a tarefa especial que o P. Alberione deixou aos seus filhos e à Igreja, e que encontramos já perto do final de *AD*, no capítulo intitulado “Coisas a fazer”. Nele o Fundador expõe um dos seus sonhos que não conseguiu ver realizado: a unificação de todas as ciências em Cristo. Releiam-se os números 185-191 de *AD* e depois, como confirmação da validade e actualidade da tarefa que encerram, leiam-se os números 83 e 85 da Encíclica *A Fé e a Razão* de João Paulo II. Eis um dos parágrafos da Encíclica: “*Quero exprimir com vigor a convicção de que o homem é capaz de chegar a uma visão unitária e orgânica do saber. Esta é uma das tarefas de que o pensamento cristão deverá assumir no próximo milénio da era cristã*”.

A propósito do profetismo paulista, cfr. também a ficha 3.3.

4.12 A “fantasia da caridade”

Na *Novo millenio ineunte*, João Paulo II chama com urgência a atenção que merecem as muitas necessidades que interpelam a sensibilidade cristã. “O nosso mundo começa o novo milénio oprimido pelas contradições de um crescimento económico, cultural, tecnológico, que oferece a poços afortunados grandes possibilidades, deixando milhões e milhões de pessoas não à margem do progresso, mas lutando com condições de vida muito abaixo do mínimo devido à dignidade humana”. E depois de uma descrição do cenário das velhas e das novas pobreza que atingem o mundo, o Papa faz um angustioso apelo para que surja uma nova “fantasia da Caridade” que dê resposta concreta às necessidades mais urgentes e seja também uma expressão da capacidade de tornar-se solidários (cfr. *NMI* 50).

Dizia o P. Alberione em 1961: “*Como à porta dos conventos, em geral, nos tempos passados, se distribuía a sopa, se distribuía o pão e ainda acontece em muitos lados, assim às portas dos conventos é preciso distribuir a verdade. Aquilo de que o homem precisa: conhecer a Deus, conhecer o seu destino eterno*” (Pr A, p. 193); e, no *Apostolato della edizione* (1944), ensina: “*O apóstolo será como o Bom Pastor que, tendo posto a salvo o rebanho fiel, se expõe a si mesmo pela ovelha perdida. O apóstolo tenha pois as suas preferências pelos abandonados; pelos adversários; pelos pobres envergonhados, que não ousam alimentar-se do pão repartido do púlpito à massa dos fiéis; pelo infiéis que ignoram o verdadeiro Deus, a Redenção, o Evangelho; pelos tentados na fé pelos emissários de Satanás, através do ensino, da imprensa, das máximas mundanas, do cinema, da rádio e de toda a forma de propaganda...; pelos que duvidam, os que andam absorvidos pelos cuidados de governo, de emprego, de trabalho. Ele será o anjo que a todos recorda os destinos eternos e os caminhos da salvação; o anjo que fala do Céu aos filhos de Deus que se preocupam apenas com as coisas da terra*” (p. 265).

Na Introdução à *Ratio Studiorum* da Sociedade de São Paulo (*UPS* II, 195), é citado *Ef* 4,15 referindo-se à unificação das ciências naturais e sobrenaturais num corpo completo que tem Jesus Cristo como cabeça ao qual todo o homem deve obedecer, como deve amar os seus semelhantes, conforme o dito ‘*veritatem facere in charitate*’... A “verdade na caridade” compromete todos os Paulistas a viver o seu mandato na alegria e na criatividade.

O verdadeiro amor (*ágape*) é sempre fantasioso. Para reconhecê-lo é suficiente ver uma família que trabalha. Nós somos a Família Paulista. Não se pode dizer que faltaram ao Fundador lampejos de fantasia ao reunir-nos. Cabe-nos a nós, agora, dar abertura a essa criatividade: feminina, laical, orante, missionária... Trata-se de deixar-se arrebatado pelo amor de Deus e deixar que o seu Espírito opere livremente em nós. Criatividade e complementaridade paulistas.

O Paulista é, portanto, convidado a operar com dois critérios constantemente activados de maneira complementar, o da *verdade* e o da *caridade*; não se pode contentar com o “ouvir dizer”, com as hipóteses das massas; mas nem sequer com as opiniões não completamente verdadeiras, dos ajustes em favor de uma visão partidária.

Isto requer também uma justa avaliação daquilo que o voto de obediência significa para o Paulista. Se por um lado o compromete a eliminar toda a forma de polémica em razão da sua procura (*in charitate*), por outro obriga-o a nunca a deixar-se ficar pelas

aparências, e sim a uma procura denodada da verdade de Cristo, iluminado pelo espírito que perscruta as profundidades de Deus.

No fundo, foi esta a atitude de Paulo no cumprimento da sua missão.

COMO PAULISTAS DISCÍPULOS E SACERDOTES

4.13 Uma só identidade e missão: expressão dupla na ministerialidade

Nas nossas Constituições, no art. 2, podemos ler: “A Sociedade de São Paulo é uma Congregação religiosa clerical de vida apostólica. Tem como finalidade a perfeição da caridade nos seus Membros, alcançada mediante o espírito e a prática dos votos...”; e no art. 4: “Os Membros da Sociedade de São Paulo, Sacerdotes e Discípulos, professam os mesmos votos religiosos... regem-se pelas mesmas normas; participam nos mesmos benefícios espirituais e têm direitos e deveres comuns, excepto nos que provêm das Ordens sagradas”. A finalidade principal de cada Paulista, Sacerdote e Discípulo, é a sua santificação.

Ser Sacerdote ou Discípulo na Sociedade de São Paulo é uma questão de vocação, isto é, depende do chamamento de Deus, e em cada chamamento há sempre um grande espaço de mistério. A dimensão fundamental de cada vocação é, porém, tornar-se santo cumprindo a vontade de Deus: “Tornar-se santo não depende de fazer uma coisa ou outra; depende de fazer realmente aquela que é a vontade de Deus acerca de cada um de nós”. Tanto a vocação do Sacerdote, como a do Discípulo têm, portanto, como parâmetro de base a procura da vontade de Deus em relação a determinada pessoa.

Quando consideramos a beleza e a sublimidade da nossa Congregação religiosa, que nos torna Paulistas, **a nossa atenção deveria dirigir-se mais para a finalidade** do que para os meios para alcançá-la. O chamamento que o Senhor fez a cada um de nós, para ser Sacerdote ou Discípulo, não aumenta a nossa importância ou grandeza. O que conta é viver a nossa consagração a Deus como Paulistas, como Membros de uma Congregação cuja finalidade principal é a santificação, a perfeição da caridade.

O Paulista é portanto, e antes de mais, uma pessoa amada por Deus, por Ele chamada para anunciar Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida em tdo o tempo, a todos os povos, com os meios mais céleres, segundo o espírito de São Paulo e o pensamento do P. Tiago Alberione. Esta identidade carismática do Paulista encarna-se numa dupla expressão: Sacerdote-Discípulo.

Sacerdote e Discípulo juntos constituem o ser-se Paulista, são dois elementos “complementares e coessenciais”. Se vier a faltar uma das duas expressões da identidade paulista, já não há o Paulista como o quis o P. Alberione.

Levando esta afirmação às conclusões mais radicais, dever-se-ia dizer que em cada comunidade – salvo impossibilidades reais – devem ser testemunhadas ambas as expressões da vocação paulista. Estamos conscientes de que nalguma área geográfica isto é particularmente difícil. Dever-se-á, por isso, assegurar a existência deste testemunho no mais breve espaço de tempo possível.

Um elemento essencial, comum ao Discípulo e ao Sacerdote Paulista, é a consagração religiosa mediante a profissão dos conselhos evangélicos. Mas existem também elementos próprios do Sacerdote e do Discípulo igualmente essenciais, como, respectivamente, **o Sacerdócio** e **a Laicidade** (cfr. *fichas* 3.7 e 3.8). Vinculados a estes dons particulares essenciais, há deveres específicos que não se devem menosprezar,

como, por exemplo, a particular responsabilidade de animação e de serviço sacramental, no caso dos Sacerdotes; e uma particular participação dos Discípulos no compromisso de reparação confiado pelo Fundador à Congregação e à inteira Família Paulista.

Não deve ser secundarizada a estreita relação que deve existir entre a identidade do Paulista enquanto consagrado, e a espiritualidade vivida em todas as suas dimensões, a partir da sua condição de Sacerdote ou de Discípulo. Na Sociedade de São Paulo, ao dom da consagração, comum aos Sacerdotes e aos Discípulos, acrescentam-se os dons próprios de uma e outra expressão de ser Paulista. Mas nem o Paulista Sacerdote nem o Paulista Discípulo têm o seu dom peculiar somente para si: outorgando-se reciprocamente o dom próprio, Sacerdotes e Discípulos “constituem-se reciprocamente *Paulistas*” (*Constituições*, 5).

4.14 Compreensão da complementaridade

“O Instituto, no seu espírito e no seu apostolado, tem muito de novo pela sua particular fim apostólico, pela espiritualidade, pela união entre Sacerdotes e Discípulos” (CISP, p. 159). Esta novidade, a que o Fundador se refere por ocasião do Primeiro Capítulo da Congregação (1957), não foi prejudicada mas antes evidenciada e enriquecida com a doutrina do Vaticano II e ulteriores reflexões, em particular as que dizem respeito à eclesiologia de comunhão e a à Vida Consagrada.

As nossas *Constituições* actuais, aprovadas definitivamente em 4 de Abril 1984, afirmam que “a união entre Sacerdotes e Discípulos... foi entendida pelo Fundador como uma das características peculiares ou ‘novidades’ da Congregação” (cfr. art. 5). A relação peculiar Sacerdotes-Discípulos é um dom, e como tal deve ser vivido e testemunhado. Primeira condição: compreender bem esta complementaridade.

Os Membros da Sociedade de São Paulo – Discípulos e Sacerdotes – cumprem a mesma missão, estão “unidos no mesmo apostolado” (CISP, p. 159); isto viu-o o Fundador, logo desde o princípio, como verdadeira e própria pregação, devido à presença activa do Sacerdócio ministerial e à inseparável associação dos Discípulos nele.

O velho esquema “redacção-técnica-difusão” sofreu transformações radicais, e hoje torna-se necessário fazer uma releitura da orientação alberoniana, que confiava o primeiro momento ao Sacerdote e os outros dois momentos ao Discípulo. Actualmente todos admitem que “no que diz respeito à actividade apostólica específica, não há barreiras ou exclusivismos, mas sim orientação em base às aptidões, à preparação e à experiência, e todos os Paulistas podem realizá-la nas suas várias fases” (*Ratio formationis*, 21.1). No entanto, não se pode subestimar mas antes aprofundar o sentido do “espaço típico” reconhecido como próprio do Sacerdote e o que é atribuído aos Discípulos (cfr. *Constituições*, art. 5). Se considerarmos estes “espaços típicos” não como algo que exclui mas que qualifica, encontraremos maior luz para valorizar e promover mais as orientações que condigam mais ao Paulista Sacerdote ou ao Paulista Discípulo, embora permanecendo válida a ausência de barreiras acima referida.

A união Sacerdotes e Discípulos não é um facto só operativo, mas carismático. “O Discípulo sozinho é um operário, não um Paulista; o Sacerdote sozinho, mesmo se escritor, não é um Paulista. Sacerdote e Discípulo juntos, unidos no mesmo apostolado, são ambos Paulistas”, declara o P. Alberione (CISP, p. 159), e as *Constituições* sancionam: “constituem-se reciprocamente Paulistas” (cfr. art. 5). A eclesiologia de comunhão oferece novas luzes para compreendermos melhor esta relação Sacerdotes-Discípulos. A multiplicidade de dons que operam na Igreja são expressão da munificência do Espírito Santo em favor de todos os membros do Corpo Místico de Cristo, da sua unidade e da sua missão no mundo; não se coloca já o acento sobre a dimensão ministerial mútua, isto é, o serviço recíproco: cada carisma e cada dom particular deve ser recebido e endereçado, isto é, colocado ao serviço dos outros para enriquecer a todos. Ao dom da consagração – comum a todos os Paulistas, Sacerdotes ou Discípulos – juntam-se os dons próprios de ambas as expressões de ser Paulista (cfr. *fichas* 3.7; 3.8; 4.13). O conceito de complementaridade deve ser bem entendido e bem usado. É algo mais do que uma simples complementação; não se trata de preencher algo de incompleto, mas de uma atribuição mútua de uma graça dinâmica que dá, quer ao Sacerdote quer ao Discípulo, a plenitude da identidade paulista.

Se depois tomarmos em consideração a teologia da vida consagrada, descobriremos outros aspectos importantes do dinamismo da reciprocidade: para a opção – se Discípulo ou Sacerdote – é necessária a vocação; no discernimento contam muito as inclinações particulares que provêm da natureza e da graça (cfr. *USP I*, p. 150), mas continua sempre verdade que a vocação é um mistério, não somente uma escolha da parte da pessoa, mas sobretudo uma eleição da parte de Deus. E no plano de Deus há muitíssimas graças particulares que serão de utilidade para o indivíduo vocacionado e àqueles com os quais deverá caminhar partilhando a missão, e aos destinatários do seu serviço apostólico.

Compreender e viver o dom da complementaridade Sacerdotes-Discípulos é, para nós, Paulistas da SSP, o primeiro passo para nos abirmos à compreensão e à experiência da complementaridade e reciprocidade de dons a nível da Família Paulista.

4.15a Os três momentos do apostolado e o “espaço público”

Os três momentos do apostolado na visão do P. Alberione

O apostolado das edições “*tem três partes: redacção, técnica, difusão; mas as três partes formam um só e único apostolado. Nele a primeira parte, isto é, a redacção, é própria do Sacerdote; a segunda e a terceira, isto é, a técnica e difusão, são próprias do Discípulo. Sacerdote e Discípulo juntos e unidos nas edições merecem por isso o nome de Apóstolos*” (UPS III, 127). “*Para o Instituto são necessários dois terços de Discípulos e um terço de Sacerdotes, dedicados ao apostolado*” (SP, Junho-Julho 1966).

São estas algumas das afirmações do Fundador às quais ordinariamente nos referimos; mas para uma correcta interpretação das tarefas do Sacerdote e do Discípulo no apostolado paulista no pensamento e na praxe constantes do P. Alberione, é necessário referir-se também a outras duas opções fundamentais: “*escritores, técnicos, propagandistas, mas Religiosos e Religiosas*” (AD 23), e “*...porquê não dar ao Irmão leigo uma participação no zelo do sacerdote; dar-lhe um quase-sacerdócio?*” (AD 40).

A inserção do “quase sacerdócio” do Discípulo, da Religiosa Paulista e dos Leigos no “sacerdócio” paulista é motivado pela visão eclesiológica espalhada no tempo do P. Alberione. Segundo esta visão, a pregação pertence ao clero e é de natureza hierárquica (Papa, Bispos, Sacerdotes); os Leigos têm uma tarefa marginal e “colaboram” na medida em que a hierarquia eclesiástica requiere-o e reconhece-o expressamente. A plena sintonia do P. Alberione com a eclesiologia do tempo não nos deve, porém, desviar da visão original que ele formula do apostolado paulista: “*Com o nome de ‘nosso apostolado’ entende-se uma verdadeira missão que se pode definir pregação com os meios técnicos da palavra divina por meio da edição... É o anúncio da Boa Nova, da verdade; portanto, uma verdadeira evangelização*” (UPS III, 123). A pregação “oral” é confiada ao Sacerdote; a pregação “escrita”, que tem a mesma dignidade, é igualmente confiada ao Sacerdote.

Uma eclesiologia renovada

Ora, é conhecida de todos que com a eclesiologia do Vaticano II se operou um notável progresso. Ela define a Igreja “povo de Deus” (LG c. II), trata do “sacerdócio comum dos fiéis” (LG c. IV), descreve a natureza “do apostolado dos leigos” (AA), e define o compromisso da Igreja nos meios de comunicação social como verdadeira “pregação” (IM 3,13).

Esta visão eclesiológica renovada permite repensar com categorias teológicas mais articuladas as motivações do P. Alberione sobre as relações entre “quase-sacerdócio” e “sacerdócio” na realização do apostolado paulista entendido como “verdadeira pregação”. Já não se pode sustentar, por *razões eclesiológicas*, a divisão das tarefas no apostolado paulista no modo idealizado pelo P. Alberione: o empenho na redacção, na técnica, na difusão fundamenta-se no Baptismo e deve escolher-se e ser confiada tendo em conta os dotes naturais e as capacidades profissionais.

A centralidade do “sacerdócio ministerial” paulista continua, no entanto, indispensável para afirmar as *razões teológicas* da novidade, a técnica e a difusão são fases da “pregação escrita, audiovisual, medial, multimedial e por rede” que tem uma *eficácia “sacramental”*, pois é o equivalente da “pregação oral”, não uma simples actividade editorial católica. O sacerdócio “comum” e o sacerdócio “ministerial”

aplicam-se também à *originalidade* da única vocação paulista. O apostolado paulista é pregação “oficial”, exercício da missão confiada à Igreja (cfr. *ficha* 3.8).

Repensar os “espaços típicos”

Tudo o que foi dito até agora permite-nos reconsiderar de modo novo os chamados “espaços típicos” elaborados pelo *Capítulo Geral Especial* de 1969-1971 e transcritos no n. 5 das nossas *Constituições*.

Antes de mais, deve recordar-se que **“espaço típico” não significa “exclusivo”**, mas caracterizante e inclusivo; além disso, que esse espaço **não se determina a partir só da actividade apostólica** (como no n. 5 das *Constituições*), mas pela realidade integral e integrada pelo Paulista na dupla expressão Sacerdote e Discípulo. A ficha seguinte (4.15b) é uma tentativa de definição e ao mesmo tempo de ampliação dos “espaços típicos”. Revela espaços ainda inexplorados ou ainda não plenamente compreendidos e vividos.

4.15b Redefinir e ampliar os “espaços típicos”

DISCÍPULO – Querendo oferecer uma exemplificação acerca do Discípulo, poder-se-iam assinalar pelo menos os seguintes âmbitos:

- *na espiritualidade:*

- A **reparação**: como especificidade eucarística da oração, como laboriosidade silenciosa, como reparação *positiva* (promover o uso construtivo dos mass-media), e *negativa* (impedir-lhe o abuso com a oração e a acção).

- **Assimilação das virtudes de São José**: o seu silêncio, a sua laboriosidade, o sentido da sua presença no seio da Família de Nazaré, a sua confiança na Providência.

«Jesus Mestre é o reparador; é esta a sua missão essencial. Redimiui o homem do erro, do vício, do pecado, da morte. Ele tomou sobre si os débitos de toda a Humanidade pecadora, levou-os ao Calvário, lavou-os no seu sangue... O Discípulo repara de três formas: com a sua vida, com a sua piedade, com o seu apostolado. Assim a vida do Discípulo está inserida na grande torrente da reparação cuja fonte é Jesus Cristo» (CISP, 370).

«Como São José, eles realizam um trabalho fatigante, para cooperar na vinda do Reino de Deus» (CISP, 374).

- *na formação:*

- O **coração**: uma formação que aponte para o envolvimento do coração. Uma oração mais intensa. Um “eu” sem pretensões, que sabe resistir às tentações do dinheiro, da estima, do cargo; que sabe servir, colaborar; que traz consigo a paixão de Deus pelo homem de hoje.

- No **período formativo**: necessidade da presença de um Discípulo junto dos jovens; necessidade de espaços formativos próprios para os Discípulos; necessidade de uma formação diferenciada e especializada: para a vida espiritual e para o apostolado.

- *no apostolado:*

- **Preparação**: especializados no sector da comunicação, sobretudo (mas não exclusivamente) na “técnica” (gestão) e na “difusão” (marketing) de hoje.

“O Discípulo tem atitudes, energias, mentalidade próprias, convém estudá-las, guiá-las, elevá-las... O cuidado na vocação dos Discípulos é mais difícil nalguns pontos que no dos aspirantes ao Sacerdócio. O Discípulo necessita de uma piedade feita de práticas que impressionem também a fantasia, os olhos, os ouvidos, os sentidos em geral” (CISP, p. 88).

SACERDOTE - Querendo oferecer uma exemplificação acerca dos presbíteros (cfr. LG 28 e PO 1-6, 12-19), poder-se-iam assinalar os âmbitos seguintes:

- *na ministerialidade:*

- da **Palavra**: transmitir a palavra de Deus, não a sua; iluminar com ela os problemas do tempo; convidar os irmãos à conversão e à fidelidade.

- da **santificação**, administrando os sacramentos: a Eucaristia, “fonte e ápice da evangelização” (PO 5); a Penitência ou Reconciliação, que reconcilia os homens com Deus e entre si; a Liturgia das Horas, que prolonga o Louvor eucarístico durante o dia

- **Pastoral**: para *guia e formação moral* dos irmãos; para a *unificação* do povo de Deus, “*em nome de Cristo Cabeça e Pastor*”.

- *na santificação:*

“Configurados a Cristo Sacerdote mediante o sacramento”, os sacerdotes têm deveres para com Ele e para consigo mesmos.

- Tender para a perfeição da vida “devido às acções sagradas que realizam”, tornando efectiva a sua “configuração a Cristo”; na docilidade ao seu Espírito; para serem reconhecidos como “ministros de Cristo e dispensadores dos seus mistérios”.

- Seguir e imitar o Bom Pastor, no caminho para a santidade; meditando a *Palavra de Deus*, para *pregá-la* de modo convicto e convincente; vivendo a *Eucaristia e os Sacramentos* que administram; imitando o desvelo e a *caridade pastoral* de Cristo e dos Apóstolos.

- *no apostolado:*

- Maior atenção e sentido de responsabilidade a respeito dos conteúdos: actualização constante, vigilância pastoral, contactos operativos com os Organismos pastorais da Igreja local, busca e formulação dos conteúdos com linguagens adequadas.

COMO FAMÍLIA PAULISTA

4.16 A pertença à Família Paulista

“Sede fiéis à unidade que vos caracteriza todos juntos, e ao mesmo tempo àquela unidade que é própria de cada um dos vossos Institutos, de modo a manter as várias fisionomias e promover os respectivos carismas, no âmbito da comum e vasta Família Paulista” (Paulo VI, 28 de Novembro de 1974).

Logo após o memorável mês de Exercícios (Abril de 1960), o P. Alberione exprimiu a sua satisfação pelo bom resultado. “*Humanamente, não podia resultar melhor; quanto ao espírito, divinamente; actualização da nossa vida às Constituições; actualização do Instituto à Família Paulista; programas para o recrutamento e formação das vocações; reexame das quatro partes (ou rodas)...* (SP, Abril-Maio de 1960; CISP, p. 197). Nessa reunião, as intervenções do Fundador acerca da Família Paulista foram numerosas e precisas (cfr. UPS). Outras declarações importantes estão contidas em AD 33-35.

O Capítulo Geral Especial (1969-1971) tomou em séria consideração a peculiar unidade carismática da Família Paulista e a função de *altrice* que a Sociedade de São Paulo tem. A pertença à Família Paulista é julgada elemento carismático do Instituto. É parte da identidade paulista: afirmam-no as nossas *Constituições*; o mesmo fazem as *Constituições*, Regras de vida ou Estatutos das outras novas Instituições paulistas.

O *Projecto unitário da Família Paulista* elaborado pela Comissão Intercongregacional de estudo sobre a identidade e ministerial da Família Paulista: *Dar ao mundo Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida* (19 de Março de 2001), é hoje a tentativa mais significativa feita a nível das Congregações religiosas da Família Paulista para iniciar uma reflexão profunda sobre a nossa identidade de Família e para levar essa reflexão as suas consequências práticas na missão.

Antecipando aquela que seria a eclesiologia de comunhão redescoberta pelo Vaticano II e a realidade que muitos Institutos Religiosos de fundação mais antiga estão procurando actualizar e valorizar, o nosso Fundador indicava na Família Paulista a sua matriz de eclesialidade: “*A Família Paulista, diz expressamente o P. Alberione, reflecte a Igreja nos seus membros, nas suas actividades, no seu apostolado, na sua missão... Uma só origem: Jesus Cristo, Mestre, que nós não consideramos somente em parte... mas temos que tomar todo o espírito, a vida de Jesus Cristo... Portanto, os Institutos devem viver um espírito comum com uma cor que depois precisa as peculiaridades, mas os princípios gerais são todos iguais, ou seja: a espiritualidade está sempre em Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida... o que é que fundamental é comum a todos, a todas as partes da Família Paulista. [...] Reflectimo-nos na Igreja, mais do que somos reflectidos, vita in Ecclesia, in Christo et in Ecclesia. Cristo físico, Cristo místico na Igreja*” (*Curso de Exercícios às Pias Discípulas* [1963], in *Progetto unitário...*, pp. 228-229 na edição italiana).

Estamos conscientes de que este aspecto – altamente profético para a Igreja – espera ainda por ser bem conhecido e sobretudo vivido por nosso lado, e deverá ser um desafio para as novas gerações da Família Paulista, juntamente com a dupla expressão da Sociedade de São Paulo.

São modelos de comunhão indicados pelo Fundador, à luz de Cristo Caminho, Verdade e Vida, que nos pedem, a nós e a toda a Família Paulista, aquela “competência paulista em comunicar” que a Igreja espera.

4.17 A Sociedade de São Paulo “altrice”

Nas declarações do Fundador

O P. Tiago Alberione declarou que as suas Fundações nasceram como uma “família”, e como uma família devem ficar unidas. Compete à Congregação primogénita, a Sociedade de São Paulo, que ele define “altrice” (do verbo latino *alere*, e por isso *altrix*), com o significado de *alimentadora, nutriz, mãe...* assegurar esta unidade. A função de “altrice” foi assim explicitada: “A Pia Sociedade de São Paulo é *como a mãe...* O calor e a luz vital devem proceder dos Sacerdotes Paulistas, que têm nisto um grande e delicado ministério” (UPS I, 19-20). “Dela [a PSSP] vem o espírito que se difunde, a organização das várias actividades, a palavra divina que ilumina... [Ela] exerce uma influência geral, conforta e sustenta; indica o caminho da salvação e da santidade; coordena com exortações a acção de todas as partes” (UPS I, 20; 375).

A função de *altrice* da Sociedade de São Paulo, no pensamento do P. Alberione, consiste então em “manter toda a Família Paulista no espírito genuíno e próprio da Instituição” (*Carta do P. Alberione à SCRIS*, 113/1956). Na visão alberoniana está ligada sobretudo ao Sacerdote: “*O múnus sacerdotal é este: ser Mestre, Caminho, Verdade e Vida*” (CISP, p. 180). Por isso o Sacerdote paulista alimenta sobretudo o espírito, em particular com a devoção ao Divino Mestre Caminho, Verdade e Vida, que tem por centro vital a Eucaristia: “Tudo nasce, como de fonte vital, do Mestre Eucarístico. Assim nasceu do Sacrário a Família Paulista: assim *se alimenta*, assim vive, assim opera, assim se santifica” (UPS II, 10). No entanto, o exercício do sacerdócio ministerial é uma expressão importante, mas não a única, da função de *altrice* da Sociedade de São Paulo. Com efeito, “a Pia Sociedade de São Paulo é composta de *Sacerdotes e Discípulos*” que juntos representam, afirma o P. Alberione, a “direcção” da obra pastoral confiada à Família Paulista na “paróquia do Papa”. Essa obra é realizada pelos sacerdotes e pelos Irmãos Discípulos, “*cada um com as suas atribuições*” (UPS I, 375): isto é, com as suas competências específicas, com os talentos pessoais, as especializações, as competências de que dispõe. Se noutra lugar o Fundador atribuía aos Discípulos um “quase-sacerdócio”, aqui reserva-lhes aquela função que mais tarde se dirá “complementar e coessencial” à dos Paulistas Sacerdotes (Const. 5). A função de *altrice* é exercida por toda a Sociedade de S. Paulo.

Na interpretação actua

A Família Paulista, tendo adquirido uma maior consciência de si mesma, sente a exigência de reflectir sobre o facto de ser Família *no horizonte da Igreja-comunhão*. De facto, não se pode falar de *altrice* sem uma referência à unidade da inteira Família Paulista inserida na unidade da Igreja, Povo de Deus em caminho. Composta de mulheres e homens em comunhão ao serviço do Reino, a Família paulista torna vivo e operante o carisma do Fundador através duma pluralidade de carismas. A Sociedade de São Paulo exerce a função de *altrice* mediante um *serviço de unidade, de discernimento, de coordenação dos carismas, e de animação ministerial*.

Esta função de *altrice* concretiza-se *primeiramente no serviço exercido pelo Superior Geral* da Sociedade de São Paulo em relação a toda a Família Paulista (cfr. Const. 201-201.1). Este serviço consiste em promover principalmente a unidade da Família Paulista na diversidade de cada Instituto, respeitando e valorizando o carisma de cada um e a reciprocidade homem-mulher. Em particular, a ele compete:

- manter as relações mútuas com os Governos Gerais das outras Congregações da Família Paulista;
- convocar os Governos Gerais para o Encontro anual;
- reunir as Superiores Gerais das Congregações femininas para discernir e propor conjuntamente iniciativas de animação espiritual e apostólica a nível e em benefício de toda a Família Paulista.

4.18 O contributo dos Discípulos na função de “altrice”

Pode falar-se de um contributo próprio dos Discípulos na função de “altrice”?

A participação dos Irmãos Discípulos na função de “altrice” da Sociedade de São Paulo na Família Paulista não só é possível, mas desejável. Está fundada, não só numa reinterpretação actualizada do espírito do Fundador, na nova eclesiologia, na teologia da consagração religiosa, dos carismas e da corresponsabilidade para a evangelização.

Acerca desta participação podemos supor as seguintes modalidades:

1. Ministério de unidade-comunhão. A função de altrice dos Discípulos pode exprimir-se:

- com o contributo de testemunhos, dados com a vida e tornados explícitos com intervenções de carácter instrutivo ou exortativo.
- com prestações de animação comunitária;
- com a organização de Encontros a nível de Família Paulista sobre temáticas particulares ou em circunstâncias particulares.

2. Animação espiritual e apostólica:

- com o contributo de aulas, catequese, conferências, retiros espirituais;
- com a partilha dos seus ideais, da sua opção vocacional e daquilo que sustenta a fidelidade na missão particular;
- com a participação das suas experiências e especializações profissionais: no campo técnico, promocional, administrativo, de gestão;
- com a prestação de ajudas efectivas, no respeito das relações de fraternidade e de autonomia de cada um dos Institutos.

3. Animação do nosso carisma específico no interior da grande “paróquia paulista”:

- com uma criatividade iluminada e competente nos novos horizontes abertos pelas tecnologias da informação;
- colocando-se corajosamente à frente dos leigos, para que o mundo da comunicação seja cristianizado e se torne missionário, no espírito de São Paulo.

OS PAULISTAS DE HOJE E DE AMANHÃ: PROMOÇÃO E FORMAÇÃO

4.19 Os sinais positivos da vocação paulista: clareza na vocação

Reafirmamos a importância das quatro indicações que o Intercapítulo (Nova Delhi, 26 de Fevereiro-10 de Março 2001) deu para a pastoral vocacional:

1. O dever de todas as Circunscrições, sem excepção, de elaborarem e aplicarem um programa de pastoral vocacional, confiando a directa responsabilidade a um ou mais Membros, mas comprometendo todos os Membros: sensibilidade, oração, exemplo e disponibilidade em colaborar.

2. A necessidade de uma utilização mais corajosa dos grandes meios da comunicação para a publicidade vocacional; ao mesmo tempo, a necessidade de um testemunho vivo mais atraente na Igreja local e de uma apresentação da Congregação como parte da Família Paulista.

3. A urgência de uma abertura, não só a novas metodologias de apresentação e de proposta vocacional, mas também a novos “espaços”: áreas geográficas ainda não exploradas, a Universidade, os Centros de comunicação, o mundo da cultura, os que exercem profissões liberais, os emigrantes (por vezes ricos de experiências de fé), os Movimentos apostólicos e, em geral, o imenso campo do laicado.

4. A necessidade de inserir a pastoral vocacional no contexto de outras pastorais (por exemplo, a pastoral juvenil), sem perder de vista os seus objectivos.

A estes princípios acrescentamos outras condições já bastante consolidadas no pensamento mas débeis na praxe:

- Clareza e totalidade na apresentação da vocação paulista, prestando particular atenção à escolha de Vida Religiosa; excluindo com clareza e decisão qualquer género de equívocos de tipo “clericalista” ou de outro género.

- Promoção da sensibilidade vocacional no âmbito da formação permanente.

- Inserção, na pastoral vocacional, tanto de Discípulos como de Sacerdotes. O testemunho vivo será sempre o argumento mais atractivo.

- Recurso ao apoio interdisciplinar: a vocação vem do Alto, é verdade, mas os chamados são pessoas; o auxílio dos peritos é cada vez mais necessário.

Tradicionalmente – e o P. Alberione não é excepção – pede-se que os eventuais candidatos apresentem “sinais positivos” de vocação. De entre os sinais positivos gerais, o P. Alberione dava uma justa importância às qualidades morais, intelectuais, físicas e psicológicas do candidato, juntamente com o equilíbrio e sociabilidade.

Os sinais positivos específicos descreveu-os em diversas ocasiões, fazendo a distinção entre os comuns, e os de uma sensibilidade e mentalidade paulistas, e outros sinais particulares que favoreçam, evidenciem a vocação sacerdotal ou laical na Sociedade de São Paulo. A este respeito, as fontes mais ricas encontramos-las no boletim *San Paolo* (cfr. *CISP*) e nas Instruções do mês de Exercícios, de Abril de 1960 (cfr. *UPS* e *Alle Famiglie Paoline*, 1954). São particularmente significativas, em *UPS*, as Instruções V e VII da primeira semana.

Uma releitura do que o P. Alberione exigia como sinais positivos de vocação paulista deve ser feita tem em conta as notáveis mudanças que se deram na sociedade; com esta condição poder-se-ão delinear os critérios de escolha e de acompanhamento das vocações nos dias de hoje.

4.20 A integralidade e especificidade: características substanciais dão processo formativo

A formação dos Paulistas deve ser “cristocêntrica”: o Fundador denomina-a “unitária”, “completa” e afirma que deve favorecer uma *summa vitae*, uma “síntese da vida”, isto é, uma “fusão equilibrada de todos os elementos”, uma “santidade equilibrada e total”, constituindo uma “nova personalidade”, uma “personalidade elevada”, a verdadeira “personalidade paulista” que faz com que o Paulista se torne “nas devidas proporções, também ele, caminho, verdade e vida” (cfr. *UPS II*, 191-192).

“Síntese vital”, “unidade de vida”, “integralidade”, “totalidade da pessoa” são – na linguagem da Família Paulista – conceitos equivalentes com os quais se faz referência ao desenvolvimento pleno e equilibrado da personalidade do Paulista, conforme o seu carisma.

No Capítulo Geral Especial (1969-1971), a Congregação assumiu esta busca da integralidade ou preocupação pelo “tudo” herdada do Fundador como elemento da identidade paulista. O Documento capitular afirma: “*A integralidade é o ponto focal do espírito paulista: ela tem o seu centro de emanção na totalidade de Cristo*” (n. 318). A esta afirmação deve corresponder uma particular pedagogia no processo formativo a todos os níveis. Por isso, propomos de novo alguns critérios práticos:

1. Para que a integralidade seja deveras uma característica substancial no processo formativo paulista, deve-se tomá-la não somente como uma meta, mas sobretudo como um ponto de partida e como uma referência metodológica para todo o itinerário do crescimento paulista. De facto, a formação abraça todos os aspectos da pessoa: o homem, o cristão, o Religioso... e todas as expressões da vida: espiritualidade, estudos, espírito e prática do apostolado, fraternidade...

2. Visto todo o processo formativo e as várias expressões da vida paulistas confluírem na missão (cfr. *Constituições*, art. 66), a promoção da integralidade exige um constante diálogo operativo entre os formadores e os responsáveis pela actividade apostólica.

3. O princípio da integralidade deve revelar-se claro nas orientações dos “Iter” formativos e dos Projectos Apostólicos de cada Circunscrição, tal como no testemunho e no acompanhamento do lado dos Formadores directos e dos Responsáveis da actividade apostólica.

4. Para favorecer em todos os Paulistas o espírito de integralidade, os Formadores e os Animadores das comunidades devem empenhar-se seriamente nas avaliações e nas orientações necessárias para evitar qualquer deformação ou atitude parcial, desarticulada, desproporcionada, redutiva ou estática, e na promoção da totalidade ou abrangência ou completamento, da unidade orgânica, da harmonia, do equilíbrio e do são dinamismo.

5. Considerada também como empenho permanente, a formação deve ser integral. Só nesta condição as comunidades serão todas ambientes formativos. Promover a formação permanente integral é um dos deveres mais delicados do Superiores de Circunscrição e dos Coordenadores gerais da formação.

As notas de completamento e equilíbrio, próprias da integralidade, conferem à especificidade da formação paulista o seu significado preciso e a sua eficácia.

Uma ampla reflexão sobre a integralidade pode ser vista no apêndice n.º 2.